

Roda de Choro

de

Luiz Guimarães Castro

Proponente

Polo MS Cinema e Vídeo ME

Desenvolvido pelo Núcleo Polo Criativo, Chamada Pública BRDE/FSA PRODAV
03/2013

documentário

26' X 13

Full HD

2016

Índice de **Conteúdo**

CONCEITO	1
OBJETO.....	4
ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM	19
SUGESTÃO DE ESTRUTURA PARA TRÊS PRIMEIROS EPISÓDIOS.....	21
ROTEIRO - EPISÓDIO 1 - A FLAUTA.....	21
ROTEIRO EPISÓDIO Nº 2 - CAVAQUINHO	34
ROTEIRO – EPISÓDIO 3 – O PIANO.....	46
SINOPSES	57
EPISÓDIO Nº 01 – A FLAUTA.....	57
EPISÓDIO Nº 2 – O CAVAQUINHO.....	60
EPISÓDIO Nº 03 – O PIANO	63
EPISÓDIO Nº 04 – A CLARINETA E O SAXOFONE	65
EPISÓDIO Nº 05 – O VIOLÃO	67
EPISÓDIO Nº 06 – O PANDEIRO E A PERCUSSÃO	69
EPISÓDIO Nº 07 – O ACORDEÃO E OUTROS RITMOS.....	72
EPISÓDIO Nº 08 – O BANDOLIM	74
EPISÓDIO Nº 09 – O TROMPETE E O TROMBONE	76
EPISÓDIO Nº 10 – O VIOLÃO DE SETE CORDAS	79
EPISÓDIO Nº 11 – O CHORO CANTADO	81
EPISÓDIO Nº 12 – O CHORO ORQUESTRADO	83
EPISÓDIO Nº 13 – O CHORO PELO MUNDO.....	85

CONCEITO

“Roda de Choro” é uma série sobre o prazer de ouvir a primeira música popular urbana tipicamente brasileira. Atravessando todo o século XX e ainda com forte presença no início deste novo século, o choro se impõe graças à altíssima qualidade técnica de seus intérpretes e à sua constante adaptação e evolução formal, firmando-se como um forte símbolo da identidade brasileira.

A série pretende expor essa variedade criativa e musical do Choro a partir de um enfoque individual e detalhado em cada um dos instrumentos que são utilizados em sua execução. Cada episódio será dedicado a um instrumento específico, analisando minuciosamente a sua história, seus intérpretes e seu papel na evolução do estilo.

Expoentes contemporâneos do choro como Guinga, Maurício Carrilho, Luciana Rabello, Hamilton de Holanda e Yamandu Costa nos acompanharão em nossa “Roda de Choro”. E como não poderia faltar, Pixinguinha, o maior chorão de todos os tempos, estará presente como estrela central. Pixinguinha fez tamanha escola que, ainda hoje, sua habilidade e balanço influenciam dez em cada dez músicos de Choro.

“Roda de Choro” é uma série de 13 episódios sobre o prazer de ouvir aquela que é considerada a primeira música popular urbana tipicamente brasileira. É também um programa sobre o espírito de confraternização do gênero que Heitor Villa-Lobos afirmava ser a “alma musical” do nosso povo. Fala, portanto, sobre os encontros afetivos e informais que acontecem no calor da roda, congregando profissionais e amadores sem desarranjo. Na varanda de Jacob do Bandolim, em Jacarepaguá, no quintal de Álvaro Carrilho, na Penha, na França, em Israel ou no Japão, a roda é sem dúvidas o *habitat* natural do Choro, para usar as palavras do cavaquinista Henrique Cazes, desde as suas origens.

Co-dirigida por Joel Pizzini, conhecido por sua abordagem poética em documentários como “Mr. Sganzerla – Os Signos da Luz” e “Olho Nu”, “Roda de Choro” procura contaminar-se pelos contrastes de um estilo musical de complexa

diversidade e constante evolução: a tradição e o contemporâneo; o erudito e o popular; o virtuosismo e o improvisado; o rigor e a descontração. Afinal de contas, o Choro surgiu no Rio de Janeiro no final do século XIX a partir da fusão tida como improvável do lundu, ritmo de sotaque africano à base de percussão, com gêneros europeus, como a polca, a valsa, o *schottisch* e a quadrilha.

A cada episódio, a série abordará um instrumento fundamental para a execução do gênero, compondo uma constelação melódica, rítmica e harmônica das ferramentas de trabalho dos chorões. Conhecidos no Século XX como Regionais, os conjuntos de Choro obedeciam a uma formação instrumental básica composta de pandeiro, violão, violão de sete cordas, cavaquinho e bandolim ou flauta. Outros instrumentos também têm presença marcante como o piano e o clarinete. Isso sem contar que um significativo disseminador do Choro, em seu princípio, foram as bandas marciais como a do Corpo de Bombeiros e a do Batalhão Naval. Por essa porta, entram o saxofone, o trombone e o trompete.

Treze convidados “provocadores”, músicos ou não, assumirão a condução de cada um dos capítulos da série, que será narrada através de imagens de arquivo, apresentações em rodas e bate-papos despretensiosos. A sonoridade particular de cada instrumento criará um dispositivo sempre único para cada um dos episódios: o sopro da flauta, o grave do violão de 7, a rítmica do pandeiro. Sem esquecer da materialidade de suas feitura, da construção pelo luthier ao toque do intérprete. Os tempos do passado e do presente coexistirão através da potência da música, escapando de uma linearidade óbvia.

Além disso, os principais virtuosos em atividade, como Guinga, Maurício Carrilho, Luciana Rabello, Hamilton de Holanda e Yamandu Costa, estarão conosco, ajudando-nos a contar a trajetória do Choro que, segundo o pesquisador André Diniz, se confunde com a história da própria música popular brasileira. E, como não poderia faltar, Pixinguinha, o maior chorão de todos os tempos e autor da obra chorística mais relevante, estará em “Roda de Choro” como a nossa estrela central. A produção do músico, orchestrador e maestro Pixinguinha fez tamanha escola que,

ainda hoje, sua habilidade e balanço influenciam o jeito de tocar de dez em cada dez músicos de Choro.

OBJETO

Cada um dos 13 episódios da série será fundamentado em um instrumento musical essencial para a execução do choro, trazendo a reboque importantes nomes de mestres contemporâneos e clássicos que se destacaram nesses instrumentos. A estrutura da série, porém, permite que os episódios dialoguem entre si, entrelaçando história, biografias, composições, etc.

A geografia e a evolução urbana do Rio de Janeiro também ocuparão espaço destacado dentro da série, que trata de um gênero musical nascido e criado na cidade maravilhosa. A série fará um “tour” pelo Rio de Janeiro utilizando meios de transporte populares para apresentar bairros importantes para nossa memória musical. Serão visitados também os locais onde atualmente acontecem as rodas de Choro mais charmosas e populares da cidade. Em alguns episódios o Choro nos levará para outras cidades do Brasil e do mundo, mostrando que há muito tempo as fronteiras geográficas foram ultrapassadas pelo primeiro gênero musical genuinamente brasileiro.

A seguir listamos os principais objetos que serão utilizados na construção dos episódios da série.

- O CHORO – Forma musical popular ao mesmo tempo comunicativa, sofisticada e extremamente resistente. Surge no Rio de Janeiro, por volta da segunda metade do século XIX, inicialmente como uma forma abasileirada de se tocar alguns gêneros musicais e danças vindas da Europa, principalmente a polca, influenciada por ritmos africanos como o lundu. Os instrumentos também de origens europeias foram ganhando aos poucos um sotaque inconfundivelmente brasileiro. Na primeira década do século XX o termo "choro" já denominava o gênero, como uma forma musical definida e não mais apenas como um estilo de execução. Tradicionalmente o Choro contém três partes, e deve obedecer à forma rondó, onde sempre se retorna à primeira parte. Porém, ao longo de sua história passou por atualizações e também é possível encontrar composições de apenas duas partes. Em sua composição inicial o grupo de Choro compreendia a

flauta como solista, o cavaquinho como “centro” e o violão na “baixaria”. A essa formação inicial também se dava o nome de “pau-e-corda”, pois as flautas eram feitas de madeira de ébano. Com o passar dos anos outros instrumentos foram sendo incorporados às rodas de Choro e, de acordo com a capacidade dos instrumentistas, a função de solo e contracanto eram revezadas e improvisadas. O improviso tornou-se assim condição fundamental do gênero.

- HISTÓRIA DO CHORO – Abordaremos a história e a evolução desse gênero musical desde sua origem até a sua expressão contemporânea, passando por todas suas evoluções e ressaltando seus momentos históricos mais marcantes. A abordagem não será cronológica, mas apresentada como uma costura, onde a cada episódio pontuaremos fatos e nomes relacionados com o instrumento musical abordado, indo e voltando no tempo e construindo uma dinâmica própria que se guiará por identidades e contrastes sonoros e imagéticos.

- INSTRUMENTOS MUSICAIS – Cada episódio será apresentado a partir de um instrumento fundamental para sua execução. Focaremos nas particularidades de cada um dos instrumentos, sua sonoridade, constituição física, tradição, surgimento e a apropriação específica por parte dos chorões. Os instrumentos por ordem de episódios são: Flauta, Cavaquinho, Piano, Clarineta e Saxofone, Violão, Pandeiro e Percussão, Acordeão, Bandolim, Trompete e Trombone, Violão de Sete Cordas. Também serão explorados especificamente o Choro Cantado e o Choro Orquestrado. O último episódio será dedicado de maneira geral ao choro que acontece em importantes cidades do exterior.

- 13 PROVOCADORES OU INVESTIGADORES – Cada um dos episódios será conduzido por um expoente do Choro contemporâneo, que apresentará ao público de forma íntima e particular o universo desse gênero musical. Munidos de sua experiência pessoal com o Choro e de sua relação de intimidade com o instrumento musical abordado no episódio, os investigadores introduzirão outros

instrumentistas de destaque no cenário musical brasileiro, trazendo à tona fatos biográficos, idiosincrasias, casos curiosos, afetividades e peculiaridades profissionais. Os investigadores também visitarão locais importantes para a preservação da memória e identidade da música popular brasileira, assim como rodas populares de Choro, interagindo com os demais músicos e executando composições clássicas e também de sua própria autoria. Os escolhidos inicialmente para a condução dos episódios são:

- NAOMI KUMAMOTO – flautista, arranjadora e compositora. De formação clássica, conheceu o Choro ainda no Japão no ano de 2000. A identificação com o gênero a levou a abandonar o país natal e a carreira na música clássica. Mudou-se para o Brasil e desde então se tornou não apenas uma expoente do Choro, mas também uma de suas principais divulgadoras no exterior.
- JAYME VIGNOLI - Cavaquinista, arranjador, compositor, é bacharel em Composição pela Uni-Rio. É integrante do conjunto Água de Moringa, com o qual gravou três CDs. Já se apresentou e gravou com diversos artistas de renome, dentre os quais Paulinho da Viola, Raphael Rabello entre outros. É professor da Escola Portátil de Música.
- MAÍRA DE FREITAS - Pianista, cantora e arranjadora formada pela Escola de Música da UFRJ. Possui uma carreira extensa na música erudita, mas vem se aventurando pela música popular. Filha de Martinho da Vila, estreou como cantora e pianista no disco "Poetas da Cidade" do pai. Em 2011 lançou, pelo selo Biscoito Fino, o CD "Maíra Freitas", com três faixas de sua autoria.
- DENISE RODRIGUES – Instrumentista, compositora e arranjadora. Uma das expoentes femininas do choro contemporâneo, já participou da gravação de inúmeros álbuns instrumentais de grandes nomes da música brasileira. Suas composições mesclam ritmos populares como samba, choro, frevo e maxixe.
- LUIZ FLAVIO ALCOFRA – Violonista e professor da Escola Portátil de Música, é graduado em música (licenciatura) pela Uni-Rio. É integrante do grupo de

música brasileira Água de Moringa. Em 2003, lançou um CD em homenagem a Ernesto Nazareth e participou do projeto de recuperação e digitalização da obra de Radamés Gnattali. Integrou a Orquestra de Cordas Brasileiras e a Orquestra de Violões Chiquinha Gonzaga.

- JORGINHO DO PANDEIRO – Pandeirista, integrante do tradicional conjunto “Época de Ouro”, fundado por Jacob do Bandolim. Trabalhou nas rádios Nacional e Mayrink Veiga. Realizou também atividades como produtor de discos de artistas como Sílvio Caldas, Clara Nunes, Elizeth Cardoso, Chico Buarque e Marisa Monte. Em dezembro de 2000, comemorou os 70 anos de carreira com shows na Sala Funarte do Rio de Janeiro.
- KIKO HORTA - Exponente da nova geração instrumental brasileira, vem atuando como acordeonista, pianista, compositor, arranjador ao lado de grandes nomes da música brasileira. Já gravou e se apresentou com Wagner Tiso, Guinga, Martinho da Vila, Dona Ivone Lara, Paulo Moura, Joel Nascimento, Yamandu Costa, Mauricio Carrilho, Paulo Sérgio Santos, Zeca Pagodinho, Henrique Cazes, Paulão7 Cordas, Gabriel Improta, Beth Carvalho, Hamilton de Holanda entre outros.
- JOEL NASCIMENTO - Multi-instrumentista (violão, cavaquinho, piano, bandolim, viola de dez e acordeom). Um dos fundadores do bar Sovaco de Cobra, um dos principais redutos do choro no Rio de Janeiro nas décadas de 60 e 70. É um dos principais responsáveis pela divulgação do Choro. É um dos herdeiros de Jacob do Bandolim.
- AQUILES MORAES - Considerado um dos maiores trompetistas brasileiros da atualidade, iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade. Faz parte da Orquestra Furiosa Portátil e da Orquestra de Choro Os Matutos, formado por músicos da cidade de Cordeiro. Chamou a atenção do maior trompetista do mundo, o norte americano Wynton Marsalis, com o qual dividiu o palco na 30ª Edição do Brasiljazzfest, na Cidade das Artes.
- LUCAS PORTO - Violonista de sete cordas, arranjador e compositor, iniciou sua carreira em 2000, quando integrou o conjunto Galo Preto. Já atuou ao

lado de grandes nomes da música brasileira, como Altamiro Carrilho, Hermínio Bello de Carvalho, Joel Nascimento, Marcos Sacramento. Atualmente é membro da Orquestra Leviana e do Quarteto Brasileiro.

- MARCOS SACRAMENTO - Cantor, letrista e compositor. Já lançou mais de dez álbuns solo e conta com dezenas de participações em álbuns de outros músicos. Estreou como cantor de uma banda de pop/rock, uma espécie de vanguarda carioca em meados dos anos 80. É capaz de alinhar em um mesmo roteiro Noel Rosa ou Cartola com composições de sambistas contemporâneos.
- CARLOS PRAZERES - É um dos mais requisitados maestros brasileiros de sua geração. Regente titular da Orquestra Sinfônica da Bahia e regente assistente da Orquestra Petrobras Sinfônica (OPES) no Rio de Janeiro. Tem dirigido importantes conjuntos sinfônicos, tais como a Orchestre National des Pays de la Loire na França, orquestra Cherubini e Orquestra Internacional do Festival de Riva del Garda na Itália, Youth Orchestra of the Americas, Junge Philharmonie Salzburg.
- GRABRIEL TRUCCO – Multi-instrumentista portenho, é integrante da banda “Mistura e Manda”, que mescla o ritmo tradicional da argentina, o tango, com ritmos brasileiros como choro, frevo e maxixe. Um dos maiores representantes desse gênero no exterior.
- CHORÕES DE OUTRORA – O termo “chorão” era utilizado para apelidar os primeiros músicos que no final século XIX tocavam os gêneros musicais europeus com a forma abrasileirada, influenciada pelos ritmos africanos. Muitos tocavam de ouvido e não sabiam ler partituras, outros tantos possuíam formação clássica com forte influência europeia. A informalidade somada à técnica apurada desses músicos, que se apresentavam em festas particulares, restaurantes, cafés-concertos e também nas ruas, muitas vezes promovendo serenatas, deu origem ao Choro. Durante a série traremos ao público os principais nomes de

compositores que ao longo da história colaboraram para fazer do Choro o mais genuíno e antigo gênero musical Brasileiro. Entre eles destacamos:

- PIXINGUINHA – Um dos maiores nomes da música nacional, reverenciado por 10 entre 10 músicos brasileiros, Pixinguinha compôs músicas que marcaram a história e fazem parte da identidade cultural do país. Conheceu os primeiros chorões na pensão Vianna, de propriedade de seu pai e com eles aprendeu desde cedo a tocar vários instrumentos. Iniciou a carreira ainda aos 12 anos, tocando em cafés-concerto e cinemas. Foi integrante dos “8 batutas” com quem viajou o mundo divulgando a música brasileira. Como maior expoente do gênero, fará parte de todos os episódios, possibilitando ao público conhecer a vida e a obra desse gênio musical.
- JOAQUIM CALLADO – Considerado o “pai dos chorões”, pois levou a flauta ao encontro do cavaquinho e violões, estabelecendo a formação básica do choro. Compositor profícuo, assinou mais de 70 melodias, entre valsas brasileiras, maxixes, lundus, etc. Sua composição “Flor Amorosa” é a mais executada ainda hoje nas rodas de choro. Elevou a virtuosidade da flauta e imprimiu estilo próprio à execução desse instrumento, tocando a melodia em rápidos saltos oitavados, de forma que os ouvintes tivessem a impressão de estarem ouvindo duas flautas simultaneamente. Tornou-se exemplo para toda uma escola de flautistas extraordinários.
- WALDIR AZEVEDO – Cavaquinista e compositor de “Brasileirinho”, considerado um hino de identidade popular brasileira. Foi um pioneiro e criador da escola mais influente de cavaquinho. Dono de uma sonoridade avantajada, tocava com a mão direita solta, obtendo grande volume. Tinha o dom de criar temas simples e altamente comunicativos.
- ERNESTO NAZARETH – Se situa entre a erudição e o popular. Denominava suas composições de tangos brasileiros, mas na verdade já eram caracteristicamente choros. Incorporou ao seu teclado o balanço das ruas. Tocava em salas de cinema e rodas populares. Figura importantíssima para a

constituição do choro como gênero, pois traduziu a música dos chorões populares para seu piano conferindo-lhe sofisticação.

- CHIQUINHA GONZAGA - Considerada por críticos como uma das fundadoras da MPB. Destaca-se na história da cultura brasileira e da luta pelas liberdades no país. Era ferrenha abolicionista e republicana, tendo participado ativamente do movimento pela libertação dos escravos e depois pela Proclamação da República. Era amiga íntima de Joaquim Callado e participou de seu conjunto de choro. Trabalhou ativamente como compositora de operetas e maestrina no teatro musicado. Compôs “Oh Abre Alas”, marchinha de Carnaval mais popular da história.
- GAROTO – Violonista, suas composições aliavam harmonização sofisticada com uma linha melódica de contornos modernos e tipicamente brasileiros. Acompanhou Carmem Miranda em turnês no exterior e participou de filmes em Hollywood. Sua harmonização, baseada em acordes alterados, com progressões incomuns para a época, fez com que sua obra fosse considerada precursora das características que seriam desenvolvidas posteriormente na Bossa Nova.
- CANHOTO DA PARAÍBA – Violonista de incrível virtuosidade, desenvolveu uma técnica própria de tocar, que consistia em solar com polegar e tocar os baixos com o anelar. Assombrava quem o via pela primeira vez. Era também compositor inspirado, atingindo o nível dos maiores mestres do gênero, graças a influências de ritmos nordestinos, como o baião, o xote, o xem-nhem-nhem, o frevo, o xaxado e o cateretê.
- JOÃO DA BAIANA – Neto de escravos, seus pais constantemente promoviam festas de candomblé, para as quais deviam tirar licença com o chefe de polícia, pois na época o samba, a batucada e o candomblé eram manifestações proibidas. Compôs e gravou diversos corimás, com algumas palavras em dialeto africano, cantadas nos terreiros no início das sessões de candomblé. Foi também o responsável pela introdução do pandeiro no samba.

- RUSSO DO PANDEIRO - Na década de 1940, excursionou pelos Estados Unidos em companhia de Carmen Miranda e acabou ficando por lá, onde atuou em vários filmes de Hollywood. Fundou o conjunto "Russo and the samba kings" fazendo apresentações em praticamente todos os estados norte americanos
- JACOB DO BANDOLIM – Figura lendária do choro, dividia-se entre a música e diversos trabalhos: foi vendedor, prático de farmácia, corretor de seguros, comerciante e escrivão de polícia, cargo que ocupou até morrer. Por não depender financeiramente da música, pôde tocar e compor com mais liberdade, sem sofrer pressões de gravadoras ou editoras. Possuía não só estilo, fraseado, toque extremamente personalizado, mas um vasto repertório que em um caderno de notas sob o título de "repertório trivial" contava com 329 títulos. Músico extremamente exigente e perfeccionista era muito rígido na sua vida pessoal e musical.
- LUPERCE MIRANDA – Recifense, compôs mais de 500 melodias de distintos gêneros. Considerado um virtuose, fundou a Academia de Música Luperce Miranda, especializada em instrumentos de corda, tendo sido o primeiro músico a receber o título de Bacharel da Música Popular Brasileira, criado para distinguir os grandes nomes da MPB e conferido pelo MIS em 1970.
- PAULO MOURA – Um dos maiores nomes da música instrumental brasileira. Iniciou sua carreira tocando nos cafés e gafieiras da Praça Tiradentes. Compositor prolífico, lançou diversos álbuns e recebeu diversos prêmios ao longo da carreira, entre eles o prêmio Sharp na categoria Melhor Instrumentista Popular e o prêmio de Melhor Solista no Festival Mozart, em Moscou. Em 2000 recebeu o Grammy Latino, na categoria Melhor Disco de Música Regional pelo disco "Pixinguinha", gravado com o grupo Os Batutas.
- ALTAMIRO CARRILHO – Considerado uma lenda viva do choro, tendo se apresentado em mais de 48 países, sempre com absoluto sucesso. Com mais de uma centena de discos gravados, tocou em varias rádios. No ano de 1955, formou a Bandinha de Altamiro Carrilho, com a qual gravaria dezenas de

discos. Manteve um programa na TV Tupi, em horário nobre, "Em tempo de música", onde obteve altos índices de audiência lançando definitivamente sua bandinha a nível nacional. Ganhou o Prêmio Sharp de 1997 na categoria "Melhor Disco Instrumental" com o CD "Flauta maravilhosa"

- BENEDITO LACERDA – Saxofonista e flautista. Formou parceria com PIXINGUINHA com o qual teve uma relação conturbada. Com grande tino comercial, conseguiu retirar Pixinguinha de uma grave crise financeira, mas em troca exigia assinar suas composições como parceiro, além de assumir a flauta, o que levou Pixinguinha a dedicar-se mais exclusivamente ao Saxofone.
- ADEMILDE FONSECA - Gravou os choros "Apanhei-te, cavaquinho", de Ernesto Nazareth, com letra de Darci de Oliveira e Benedito Lacerda, e "Urubu malandro", com arranjos de Lourival de Carvalho e versos de João de Barro. Desde então, passou a ser conhecida como cantora identificada com o gênero que a consagraria: o choro. Ganhou o título de "Rainha do Choro", após gravações de Brasileirinho, Tico-tico No Fubá e Delicado.
- ANACLETO DE MEDEIROS - Foi mestre e organizador de várias bandas, entre elas a consagrada Banda do Corpo de Bombeiros, que ficou famosa sob sua direção, e com a qual gravou alguns dos primeiros discos impressos no Brasil, a partir de 1902. Compositor e introdutor do sotaque brasileiro na schottisch. A ponte que Anacleto fez entre as bandas e o choro enriqueceu ambas as manifestações. As bandas ganharam coesão e musicalidade e a linguagem chorística se propagou muito.
- RAPHAEL RABELLO – Foi o mais fulgurante talento da geração de chorões nos anos 70, dono de uma técnica estonteante. Fez de seu violão de sete cordas um instrumento solista. Foi o grande dinamizador do violão nos anos 80. Morreu aos 33 anos deixando uma discografia considerável de álbuns solo. Raphael resumiu o violão brasileiro, namorou o flamenco e brilhou como solista e acompanhador.

- SEVERINO ARAÚJO - Soprista Pernambucano - autor de clássicos do choro como Espinha de Bacalhau e Chorinho na aldeia. Foi pioneiros fusão de elementos jazzísticos e chorísticos. Em João Pessoa entrou para a ORQUESTRA TABAJARA, assumindo logo depois, aos 21 anos a direção. Atingiu sucesso meteórico com sua versão em ritmo de samba de Rhapsody In Blue, De Gerge Gershwin.
- TUTE - Primeiro dos grandes violonistas acompanhadores do choro, foi o introdutor do violão de sete cordas (a sétima corda afinada em dó) nos conjuntos de choro e regionais dos quais fazia parte. Seu estilo marcado de execução criou os fundamentos básicos deste tipo de acompanhamento, que foi posteriormente redimensionado pelo violonista Dino Sete Cordas.
- RADAMÉS GNATALLI - Aproximou o choro da musica erudita e foi um dos primeiros a aproximar o choro do jazz. Compôs uma serie de choros para serem tocados por naipes de saxofones. Quando jovem ouvia Ernesto Nazaré tocar e comprava suas partituras para praticar. Compositor da “Suíte Retratos”, um marco do choro orquestrado, em homenagem aos pilares do choro: Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré, Anacleto de Medeiros e Pixinguinha, tendo alcançado o reconhecimento de inúmeros prêmios.
- OUTROS CHORÕES – Daremos destaque ainda a vários outros instrumentistas da história do Choro, como: Patápio Silva, Viriato, Copinha, Waldir Silva, Ratinho, Quincas Laranjeiras, João Pernambuco, Meira, Chiquinho do Acordeão, Dominginhos, Luiz Gonzaga, Luciano Perrone, Luiz Americano, Abel Ferreira, K-Ximbinho, Moacyr Santos, Bonfiglio de Oliveira, Raul de Barros, Dino Sete Cortas, Valter Sete Cordas, Voltaire, Catulo da Paixão Cearense, Jonas, entre outros.
- COMPOSIÇÕES CONSAGRADAS E CONTEMPORÂNEAS – A série trata do prazer de ouvir e executar músicas e, portanto será preenchida de sonoridade, com momentos exclusivamente musicais, onde instrumentistas contemporâneos executam suas próprias composições e também

composições consagradas dos chorões de outrora. Daremos foco a músicas que marcaram época pela popularidade e que até hoje são conhecidas do grande público, mas também terão espaço composições que se destacam pela originalidade e inovação, abrindo para o espectador um repertório que normalmente é de domínio apenas de especialistas ou profissionais da área.

- GEOGRAFIA CARIOCA – Seguiremos os condutores dos episódios através de deslocamentos pela cidade, sempre utilizando transportes populares como metrô, ônibus, trem, bonde, etc. A paisagem urbana do Rio de Janeiro, com seus contrastes, servirá de pano de fundo para explorarmos o gênero musical que nasceu nos pontos tradicionais da boemia carioca do centro e da zona norte. Através da utilização de imagens de arquivo, estabeleceremos um diálogo entre a arquitetura atual da cidade e a sua configuração no início do século XX, chamando atenção para as mudanças ocorridas e também para os espaços que sobreviveram às transformações ao longo dos anos.
- RODAS DE CHORO CONTEMPORÂNEAS – A série levará o espectador para a experiência da roda de choro ao ar livre, onde instrumentistas conciliam a informalidade do evento com o rigor da execução e com a virtuosidade. Serão visitados os pontos mais tradicionais e populares de rodas de choro, onde público e artistas compartilham o gosto pela música e o prazer do encontro, do olhar e do afeto. Nossos investigadores percorrerão locais como a Praça São Salvador, Escadaria da Glória, Casa de Artes de Paquetá, Arena Dricó na Penha, Cantareira em Niterói, Praça XV, Bar Bip Bip em Copacabana, etc.
- CHORÕES CONTEMPORÂNEOS – A série apresentará a cada episódio grandes nomes da música contemporânea brasileira que admiram e se dedicam ao Choro. Além de executarem composições próprias e de seus ídolos, esses instrumentistas também revelarão de maneira informal, através de bate-papo nas rodas de choro, sua relação afetiva com a música e a relação

particular com o seu instrumento. Entre os Chorões contemporâneos que participarão da série, podemos destacar os seguintes:

- MAURÍCIO CARRILHO - Violonista, arranjador e compositor de destacada atividade, acompanhou grandes nomes como Aracy de Almeida, Nara Leão, Elizeth Cardoso entre muitos outros. É fundador da Acari Records, a primeira gravadora do Brasil especializada em choro, que em 2001 lançou a série Princípios do Choro reunindo em 15 discos preciosidades dos chorões do início do século. Em 2000, fundou a Oficina de Choro, ao lado de Luciana Rabello, Celsinho Silva, Álvaro Carrilho e Pedro Amorim.
- MARCOS SUZANO – É pioneiro no aperfeiçoamento do processo de microfonação que deu ao pandeiro peso nas apresentações em shows. Amante de rock, apaixonou-se pela percussão vendo blocos carnavalescos, tendo se especializado em surdo, cuíca e pandeiro. Desenvolve uma importante pesquisa de ritmos africanos, que influencia sua maneira de tocar e compor.
- LUCIANA RABELLO - Cavaquinista, compositora e produtora, herdeira direta da tradição dos mestres do cavaquinho Canhoto e Jonas, é fundadora da gravadora Acari Records e da Escola Portátil de Música. Em mais de 30 anos de profissão, trabalhou em discos e shows de grandes nomes da música brasileira como Paulo César Pinheiro, João Nogueira, Paulinho da Viola, Radamés Gnattali, Raphael Rabello, Elizeth Cardoso e Chico Buarque, entre outros.
- YAMANDÚ COSTA - Conhecido por suas apresentações virtuosísticas ao violão, chegou rapidamente ao topo do cenário musical brasileiro. Tocando confortavelmente estilos que vão do choro à bossa-nova e da milonga ao tango. Um dos instrumentistas brasileiros mais reconhecidos internacionalmente. Não se denomina um chorão, mas um “músico-artista”.
- HAMILTON DE HOLANDA – Considerado um dos maiores instrumentistas da atualidade, é o responsável pela introdução da oitava corda no Bandolim, desenvolvendo uma renovação na utilização e aproveitamento do

instrumento. Destacou-se no cenário musical brasileiro em 1995, quando foi considerado Melhor Intérprete no II Festival de Choro do Rio de Janeiro, no qual se apresentou com o choro "Destroçando a macaxeira", de sua autoria.

- DEO RIAN – Bandolinista, seus avós eram chorões e recebiam amigos para saraus. Começou a estudar bandolim aos 13 anos. Aos 17 anos passou a frequentar as rodas de choro na casa de Jacob do Bandolim. No ano 2011 foi eleito o novo presidente do Instituto Jacob do Bandolim.
- CRISTOVÃO BASTOS - Pianista, compositor e arranjador dos mais importantes do Brasil, é parceiro de grandes nomes como Chico Buarque, Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Paulinho da Viola e Elton Medeiros. Como arranjador trabalhou em discos e shows de importantes intérpretes e compositores como Nana Caymmi, Edu Lobo, Gal Costa, além dos nomes anteriores. Nos quase 40 anos de carreira, Cristóvão recebeu diversos prêmios, entre eles oito Sharp.
- BETO CAZES – Um dos maiores expoentes do cavaquinho brasileiro. Iniciou sua carreira profissional ao lado do grupo Coisas Nossas, em 1976, tocando em shows de Aracy de Almeida e Eduardo Dusek. Importante pesquisador do Choro, já escreveu diversos livros sobre o gênero.
- CELSINHO SILVA - Percussionista, proveniente de uma família de chorões – é filho de Jorginho do Pandeiro e sobrinho de Dino 7 Cordas – começou sua carreira no grupo Os Cariquinhas. Foi fundador do conjunto Nó em Pingo D'Água em 1978. Em 1979 integrou a primeira formação da Camerata Carioca, gravando o disco "Tributo a Jacob do Bandolim".
- EDUARDO SILVA - É herdeiro de uma verdadeira dinastia de bons pandeiristas. Filho de Celsinho Silva, neto do mestre Jorginho do Pandeiro, maior referência do pandeiro no Brasil, e sobrinho neto de Dino 7 Cordas. Fundador do grupo "Regional Carioca ", fez parte do CD "Cadência" como percussionista e arranjador.
- MARCÍLIO LOPES - Bacharel em Composição e mestre em Musicologia pela Uni-Rio, foi aluno de Composição do maestro Guerra-Peixe. Bandolinista e

arranjador, integra o grupo Água de Moringa, tendo participado de outras formações instrumentais como Orquestra de Música Brasileira, Orquestra de Cordas Brasileiras, Camerata Gama-Filho e Camerata Brasil.

- MARIA SOUTO - Flautista, saxofonista e arranjadora. É produtora da Camerata Brasilis, que lançou seu primeiro CD no final de 2011, pelo selo da Acari Records e com patrocínio do programa Petrobrás Cultural. É integrante do Trio Remexendo e do regional Quarteto Urubatan. de flauta transversa da Escola Portátil de Música.
- OSCAR BOLÃO - Um dos mais importantes nomes da percussão brasileira. Em 30 anos de atividade trabalhou com grandes artistas da nossa música como Elizeth Cardoso, Elton Medeiros, Ney Matogrosso, Paulo Moura, Guinga e Joel Nascimento. Tem atuado intensamente em festivais de música bem como realizado oficinas e palestras no Brasil e no exterior. Em 2004 lançou o livro “Batuque é um Privilégio”, que trata da percussão nos gêneros de música do Rio de Janeiro.
- RUI ALVIM - Clarinetista e saxofonista, integrou a Orquestra de Música Brasileira dirigida pelo maestro Roberto Gnatalli e a Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo. Faz parte do conjunto Água de Moringa, com quem já lançou quatro discos. Também integra o Sexteto Mauricio Carrilho, o conjunto Gafieira de Bolso e a Pequena Orquestra de Mafuás.
- CHORÕES ESTRANGEIROS – No último episódio apresentaremos músicos contemporâneos de cidades do exterior que são fascinados por esse gênero brasileiro e dedicam suas carreiras a ele. Visitaremos algumas escolas e casas de show onde esses músicos praticam e se apresentam.
- LUTHIERS – Uma vez que os instrumentos protagonizarão os episódios não poderíamos deixar de abrir espaço para aqueles que dominam a arte da feitura e manutenção dos mesmos. Além de desvendarmos alguns segredos e curiosidades a respeito da construção dos instrumentos também faremos inserções imagéticas do processo das etapas de sua feitura, como o

tratamento da madeira, a montagem, a aplicação das cordas, abertura dos bocais, o corte preciso dos cavaletes e etc.

- CASARÃO EM SANTA TERESA – Os episódios da série terminarão sempre com um grande sarau num casarão no tradicional bairro da boemia carioca. Lá, todos os músicos que participarão do episódio se encontrarão para compartilhar de um momento musical, tocando, batendo papo e trocando experiência e impressões sobre o Choro. A arquitetura moderna da casa fará contraponto com a tradição do gênero e conciliará a vertente mais contemporânea dos convidados.

ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM

O dispositivo principal de abordagem da série é a utilização dos instrumentos musicais para conduzirem os episódios. São eles nosso ponto de partida e serão utilizados para estabelecer um diálogo entre os chorões de outrora e os instrumentistas contemporâneos. A sonoridade particular de cada instrumento criará um movimento sempre único: o sopro da flauta, o grave do violão de 7 cordas, a rítmica do pandeiro, etc. A materialidade de suas feitura, da construção pelo luthier ao toque do intérprete, fornecerá ferramentas imagéticas possibilitando uma abordagem mais poética sobre o tema. Como não poderia deixar de ser, sonoridade e imagem serão o norte a guiar uma série que fala de música.

Outro dispositivo de abordagem será a condução de Treze diferentes “investigadores” que assumirão cada um dos episódios da série. Afetivamente envolvidos com o Choro, cada condutor lançará mão de seu olhar único para estabelecer uma ponte entre memória e atualidade.

Algumas estratégias de abordagem servirão para construir uma dinâmica que colaborará para a fruição do conteúdo da série, alcançando o espectador de maneira sensorial e harmoniosa, como deve ser um programa sobre música. Entre elas destacamos:

- MATERIAL DE ARQUIVO – Lançaremos mão de vídeos e fotografias que resgatam a imagem de figuras consagradas da história do choro. Serão imagens de documentários, programas de televisão, vídeos caseiros, etc. As imagens colaborarão para recriar a atmosfera das antigas rodas de choro e apresentações e também para trazer um pouco da intimidade e informalidade características desse gênero musical. Da mesma forma, utilizaremos imagens que estabeleçam um diálogo com a evolução urbana da cidade, apresentando as transformações e resistências da arquitetura do Rio de Janeiro. Serão utilizados também arquivos de áudio do acervo do MIS – Museu da Imagem e do Som, onde é possível ouvir depoimentos de músicos consagrados como Pixinguinha e Altamiro Carrilho, entre

outros. Vamos abrir espaço para que esses músicos que já não estão entre nós possam falar diretamente ao espectador.

- ENTREVISTAS – Serão elaboradas de maneira informal, aproximando-se de um bate papo descontraído, onde o próprio entrevistador é também um músico, ou admirador do choro, colaborando para a descontração e sensação de intimidade e informalidade almejadas. O entrevistador funciona como um provocador, incitando os convidados a debaterem temas entre si e a relembrem episódios curiosos e tocantes de sua carreira.

- VOZ OVER – A voz de uma narradora apresentará trechos do livro “O Choro”, de Alexandre Alves Pinto, vulgo “Animal”, onde foi registrado o cotidiano dos antigos chorões, com suas festas, apresentações, dificuldades e camaradagem. A narração estabelecerá um contraste poético entre o passado e o presente que se unem pela sonoridade resistente do choro.

- APRESENTAÇÕES MUSICAIS – Os episódios serão pontuados por apresentações de convidados, tanto em rodas de choro informais, como em shows realizados em palcos de casas de espetáculo. A sonoridade ocupará lugar de destaque na série, como não poderia deixar de ser. É a música que deve estabelecer a ponte entre a emissão do programa e a recepção pelo espectador. O ritmo também será construído com o auxílio das composições executadas, envolvendo o público afetivamente.

- CÂMERA OBSERVATIVA – Será utilizada pontualmente durante os deslocamentos pela cidade nos meios de transportes coletivos, fazendo um registro do cotidiano contemporâneo urbano do Rio de Janeiro. A cor, o movimento, o ritmo falarão por si, colaborando para o contraste com a cidade resgatada pelas imagens de arquivo do início do século XX.

SUGESTÃO DE ESTRUTURA PARA TRÊS PRIMEIROS EPISÓDIOSROTEIRO - EPISÓDIO 1 - A FLAUTA

EXT. JARDIM ESCOLA PORTÁTIL - DIA

SOBE SOM "Salve Copinha", de Hermeto Pascoal

O primeiro impacto: a música. Começamos com ela.

Estabelecendo um diálogo musical com os espectadores, uma roda de choro composta por alunos e por professores executa a música.

LETTERING: SALVE COPINHA, DE HERMETO PASCOAL

A prosa melodiosa se dá através dos olhos, ouvidos e mãos. Essa é, afinal, uma série sobre o prazer de ouvir música, e não qualquer música, mas o inquieto e eufórico Choro. A música se espalha pelo espaço e nosso olhar percorre com ela o jardim.

Sobre a música, ouvimos a voz over do flautista Eduardo Neves falando sobre a admiração que o bruxo Hermeto Pascoal tinha por Nicolino Cópia, o Copinha.

Nosso olhar segue percorrendo o ambiente embalado pelo som da música, encontrando agora os

olhares dos músicos, que estabelecem um diálogo próprio. Parecem comentar a execução, pedindo ora aceleração, ora mais vagar. A cumplicidade, o entrosamento e a troca são os signos desse dialeto mudo que surge há quase de cento e cinquenta anos, nas primeiras rodas de choro.

Passeando pelos instrumentos, que parecem obedecer aos comandos dos olhares, nos detemos agora sobre a flauta, a protagonista do dia. O som desse instrumento ganha volume e se destaca dos demais. As mãos hábeis e delicadas da flautista chamam atenção. Trata-se da japonesa NAOMI KUMAMOTO, que após descobrir o Choro ainda no Japão mudou sua trajetória e veio parar no Brasil. E é com ela que descobriremos os caminhos do Choro nesse primeiro episódio.

A música segue ao fundo e Naomi conversa com EDUARDO NEVES, que foi aluno de Copinha e integrante do grupo de Hermeto Pascoal nos anos 90. Eduardo compartilha com Naomi suas impressões sobre a obra e a vida desses dois grandes nomes da música brasileira.

- A influência desses dois músicos em sua carreira;

- A irreverência de Hermeto e sua particular sensibilidade musical;
- A versatilidade de Copinha, que atravessou décadas tocando nas rodas de choro; nas rádios acompanhando as grandes estrelas; e nos shows e discos dos expoentes da bossa nova, com Tom Jobim e João Gilberto.

SOBE SOM "Pagode Jazz Sardinha's Club", de Eduardo Neves

O bate papo é costurado por imagens de Naomi e Eduardo, tocando seus instrumentos, dessa vez executando uma composição de Eduardo, "Pagode Jazz Sardinha's Club", indicada ao prêmio Sharp em 1999.

LETTERING: PAGODE JAZZ SARDINHAS'S CLUB, DE EDUARDO NEVES

Eduardo Fala do sucesso do disco homônimo, que foi lançado inclusive no Japão. Naomi aproveita para comentar sobre a força que o choro tem em seu país natal e dos vários grupos de músicos japoneses que se dedicam ao gênero.

INT. VAGÃO DO METRÔ - DIA

SOBE SOM "Flor Amorosa", de Joaquim Callado.

Naomi retira de sua bolsa o livro "OS CHORÕES", de Alexandre Gonçalves Pinto, o Animal. Enquanto sua atenção fica no livro, um flautista solitário, que está no mesmo vagão, executa a música de Callado. Aos poucos a música ao vivo vai sendo substituída pelo som da execução de Altamiro Carrilho da mesma música.

LETTERING: FLOR AMOROSA, DE JOAQUIM CALLADO. EXECUÇÃO ALTAMIRO CARRILHO.

A voz over de Naomi lê trechos que falam do surgimento do choro e dos encontros dos chorões em pontos tradicionais do Rio de Janeiro.

NAOMI (V.O.)

"Os músicos na sua maioria faziam ponto nos chás de música e também no 'Cavaquinho de Ouro' na Rua da Carioca e 'Rabeca de Ouro' na mesma rua. Nos botequins encontravam-se os malandros chorões, cantando modinhas e assobiando, ao ouvido de outros prediletos do choro".

LETTERING: TRECHO DO LIVRO "OS CHORÕES", de Alexandre Gonçalves Pinto.

Seguimos a viagem no Metrô, passando pelas estações com seu entra e sai de passageiros apressados.

SOBE SOM "Primeiro Amor", de Patápio Silva em gravação original do compositor pela Odeon 1904-1907 - acervo Instituto Moreira Salles.

LETTERING: PRIMEIRO AMOR, DE PATÁPIO SILVA

NAOMI (V.O.)

"Ainda hoje o nome deste professor é falado e chorado. Patápio estudou música a fundo. Conhecia regra de harmonia e tudo mais de seu pertence. Era flauta de respeito, admirado por todos os flautas como ele. Patápio quase igualava com o imenso flautista Callado. Diziam os músicos daquele tempo que Callado, na sua maviosa flauta fazia um quarteto e que Patápio muito o admirando, estava fazendo tudo para imitá-lo".

O flautista anônimo guarda seu instrumento e desce do metrô, enquanto Naomi segue viagem.

INT. CASA DE ODETE ERNEST - DIA

SOBE SOM "Lamentos", de Pixinguinha, executada ao vivo pelas flautistas.

Uma roda formada apenas por mulheres executa a composição de Pixinguinha. Estão presentes, além de Naomi, Odete Ernest Dias e suas filhas Cláudia e Andréa. Odete, francesa, veio para o Brasil em 1952 para atuar na Orquestra Sinfônica e tornou-se mestre de várias gerações de flautistas brasileiros.

LETTERING: LAMENTOS, DE PIXINGUINHA

Numa das pausas para o café, Odete lembra que conheceu Pixinguinha em sua juventude e comenta sobre a experiência de vê-lo tocar ao vivo. As musicistas comentam sobre a polêmica envolvendo essa composição. Alguns críticos acusaram Pixinguinha de ter "americanizado" o choro, aproximando-o do Jazz.

Em outro momento, Naomi executa com sua flauta uma composição sua.

SOBE SOM "Me Espere no Rio", de Naomi Kumamoto.

LETTERING: ME ESPERE NO RIO, DE NAOMI KUMAMOTO

Naomi e Odete trocam impressões sobre as particularidades da musicalidade brasileira que mais as encantam.

- o fascínio pela música brasileira e pelo choro;
- o diálogo com a música clássica;
- a vinda para o Brasil;
- A importância do choro em seus países natais.
- a influência de mestres como Pixinguinha e Altamiro Carrilho em suas vidas;

INT. SEBO PRAÇA TIRADENTES - DIA

SOBE SOM "Beija-Flor", de Altamiro Carrilho, no songbook "Altamiro Carrilho - Clássicos do Choro Brasileiro" da Choro Music.

Nosso olhar acompanha Naomi que caminha pela loja entre várias gôndolas.

Naomi garimpa nas gôndolas discos de chorões dos anos 70 e 80. Ela coloca um LP de Altamiro Carrilho no toca discos, enquanto segue procurando outras raridades.

LETTERING: BEIJA-FLOR, DE ALTAMIRO CARRILHO

INSERT - Sobre a música, entramos com imagens de arquivo de trechos de entrevistas de Altamiro Carrilho presentes no DVD A fala da Flauta.

ALTAMIRO CARRILHO

Improvisação é um dom. Depende do talento do músico. Não é uma coisa que se aprenda na escola. Você chega na escola de música hoje e fala: Eu quero aprender a improvisar. Negativo. (...)

Eu comecei a falar "chorinho" por causa de Ernesto Nazareth. Tão bonito, "Chorinho Sapeca". Ele, no Apanhei-te Cavaquinho e outros choros dele, ele punha "chorinho". Eu achei tão bonito esse diminutivo.

INSERT de capas de LPS antigos com grandes nomes da história do choro sendo sobrepostas umas às outras.

ALTAMIRO CARRILHO (CONT'D)

Eu sofri cirurgia... uma porção de coisas... estou usando um coração que não é meu... Eu dei a alguém... e esse alguém (risos) deu pra terceiros... não me pertence mais o meu coração... não sei porque bate feliz (risos).

EXT. RUAS DO CENTRO - DIA

SOBE SOM "Naquele Tempo", de Pixinguinha

Ao sair do Sebo, Naomi caminha pelas ruas do centro e se depara com uma roda de choro bem popular, regada a cerveja e petiscos, onde tocam clássicos de Pixinguinha.

LETTERING: NAQUELE TEMPO, DE PIXINGUINHA

A música da roda dá o ritmo da caminhada de Naomi, que segue para a Lapa e entra no MIS.

INT. SAGUÃO / MIS - DIA

SOBE SOM "Puladora", de Joaquim Callado - gravada por Leonardo Miranda no cd pai dos chorões - Acari Records

Esperando por ela se encontra Leonardo Miranda, flautista que desenvolve um importante trabalho de pesquisa do Choro.

LETTERING: PULADORA DE JOAQUIM CALLADO, EXECUÇÃO DE LEONARDO MIRANDA

Sobre o som da composição, os dois flautistas batem um papo sobre o que os une, o instrumento.

- Como se preserva e se identifica uma boa flauta.

- suas preferências pessoais na escolha do instrumento.
- A paixão pelo choro que vem levando Leonardo a desenvolver uma pesquisa sistemática sobre o choro há anos.
- A diferença entre o som da flauta de metal e da flauta de madeira de ébano.

Leonardo mostra a Naomi sua flauta de ébano, quase uma raridade nos dias de hoje, e toca um trecho de Flor Amorosa, de Joaquim Callado. O pai dos chorões utilizava uma flauta como essa e a sonoridade do instrumento nos remete aos primórdios do choro.

INT. SALA DE ARQUIVOS / MIS - DIA

Na sala de arquivos do MIS, Leonardo mostra a Naomi os acervos de áudio da série "Depoimentos para a posteridade". Eles localizam os áudios de Pixinguinha e Naomi coloca os fones para ouvir a voz daquele que é considerado um dos maiores músicos da história da música brasileira.

PIXINGUINHA (V.O.)

O meu apelido não era Pixinguinha, era 'Pizindim'...Foi minha avó, que morreu aos noventa e cinco anos de idade, que colocou.

SOBE SOM "Marreco Quer Água", de Pixinguinha.

LETTERING: MARRECO QUER ÁGUA DE PIXINGUINHA

PIXINGUINHA (V.O.)

Eu era pequeno, não sabia nada dessa época, dessa coisa, mas depois me disseram que era menino bom. Agora Pixinguinha é porque eu tive 'Bexiga', tive a epidemia então me tratavam de 'bexiguinha', outros de 'Pixinguinha' e houve essa complicação de apelidos e eu não sei por que eu fiquei como Pixinguinha

INSERT - Imagens de arquivo do filme "Pixinguinha" de João Carlos Horta, onde o músico aparece caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro no final dos anos 60. Sobre as imagens, segue o áudio do MIS.

PIXINGUINHA (V.O.)

Eu com catorze, quinze anos já estava tocando publicamente. No início eu tocava também no teatro. Comecei a tocar no Teatro Rio Branco e Teatro-Cinema que tinha palco, cine-teatro. Comecei a tocar nesses lugares

todos. Eu era profissional, porque eu ganhava naquele tempo seis mil réis por dia.

SOBE SOM "Carinhoso", de Pixinguinha.

LETTERING: CARINHOSO DE PIXINGUINHA

INSERT - Montagem que mescla imagens de arquivo de Pixinguinha, tocando "Carinhoso" ao lado dos 8 Batutas, com imagens do filme "ACABARAM-SE OS OTÁRIOS", primeiro filme sonoro brasileiro dirigido por Luiz de Barros, que traz essa mesma música em sua trilha sonora. A composição faz a costura entre a montagem.

INT. CASARÃO EM SANTA TERESA - DIA

As mesmas imagens de arquivo da cena anterior são projetadas nas paredes do casarão que abrigará nossos saraus por todos os episódios da série.

Naomi já está lá tocando "Carinhoso" ao lado dos flautistas Maria Souto e Dudu Oliveira e de outros instrumentistas.

Nosso olhar percorre os cômodos com decoração moderna da casa enquanto nossos chorões agora executam composições mais contemporâneas.

Dudu Oliveira, um virtuose do choro, fala da forte influência que Altamiro Carrilho exerceu em sua carreira e toca algumas composições próprias.

SOBE SOM "Querido Amigo", de Dudu Oliveira.

LETTERING: QUERIDO AMIGO, DE DUDU OLIVEIRA

Já Maria Souto, integrante do grupo Camerata Brasilis fala de sua experiência com Itiberê Zwarg e a "Musica Universal".

SOBE SOM "Tem Mico no Quintal", de Itiberê Zwarg.

LETTERING: TEM MICO NO QUINTAL DE ITIBERÊ ZWARG

O bate papo rola solto e os músicos comentam sobre histórias divertidas que acontecem nos bastidores e nos palcos. Relembra mitos e curiosidades sobre os grandes flautistas do choro.

Dudu lembra a história de Altamiro Carrilho, quando aos oito anos de idade produziu ele mesmo uma flauta de bambu com rolha de cortiça para se apresentar em um programa de

calouros. Tocou justamente "Carinhoso" em FÁ maior e faturou o primeiro lugar.

Fechamos o episódio com uma roda de choro no quintal do casarão, com os músicos voltando a tocar "Carinhoso", agora com arranjo mais contemporâneo. Nas paredes segue a projeção de Pixinguinha tocando, como que numa parceria com os músicos presentes no casarão.

FADE TO BLACK

ROTEIRO EPISÓDIO N° 2 -

CAVAQUINHO

1. INT. BAR LUIZ - DIA

SOBE SOM "Serpentina", de Nelson Alves do CD "Chorinhos e Chorões", com Jonas Pereira da Silva, Jacob do Bandolim e outros.

As mesas do bar estão cheias e os garçons circulam servindo cerveja e petiscos.

LETTERING: "SERPENTINA, DE NELSON ALVES"

Numa das mesas está JAYME VIGNOLI, cavaquinista e nosso condutor neste episódio. Ele toma sua cerveja enquanto estuda algumas partituras que estão sobre a mesa. Vemos o nome de Nelson Alves escrito numa das partituras.

Na mesa está também o livro "O Choro, Reminiscências dos Chorões Antigos", de Alexandre Gonçalves Pinto. Jayme pega o livro e o folheia.

1. EXT. RUA DA CARIOCA - DIA

SOBE SOM (Cont.) "Serpentina", de Nelson Alves do CD "Chorinhos e Chorões".

Jayme caminha entre os transeuntes carregando a case com seu cavaquinho. Ele observa os antigos sobrados que vêm resistindo às transformações arquitetônicas sofridas pela cidade nas últimas décadas. A Rua da Carioca foi outrora ponto de encontro dos antigos chorões.

LETTERING: TRECHOS DO LIVRO "O CHORO, REMINISCÊNCIAS DOS CHORÕES ANTIGOS".

NARRADORA (V.O.)

"Ontem ele fez diabruras de assombrar, tal a sua agilidade, e proficiência no saber tocar este divinal instrumento, tornando-se deste modo um profissional artista, de mérito na roda dos chorões de sua classe, onde ele é aclamado com muito entusiasmo e admiração. Receba pois, Nelson, meus sinceros aplausos".

Jayme chega ao prédio da Casa do Choro, fundada em 1999, instituição que se dedica à preservação e divulgação da música popular carioca.

1. INT. CASA DO CHORO/AUDITÓRIO - DIA

SOBE SOM "Tira Poeira", de Mário Alvares, com Luciana Rabello e outros.

No palco, se apresenta a cavaquinista LUCIANA RABELLO, acompanhada de outros instrumentistas. A apresentação faz parte do projeto "Baú do Animal", onde instrumentistas contemporâneos apresentam composições dos primeiros chorões, citados no livro de Alexandre Gonçalves Pinto, vulgo Animal, e de outros compositores que, embora não sejam citados no livro, figuraram na história do nascimento do Choro.

INSERT - Imagens de arquivo de partituras manuscritas, onde podemos ler o nome de Mario Alvares, deslizam pela tela.

Entre os espectadores na plateia está Jayme Vgnoli, que assiste compenetrado a apresentação.

LETTERING: TRECHOS DO LIVRO "O CHORO, REMINISCÊNCIAS DOS CHORÕES ANTIGOS".

NARRADORA (V.O.)

"Mário venceu naquela época todas as dificuldades do instrumento transformando a sua tonalidade de quatro cordas para cinco".

Ao final da apresentação Luciana Rabello e os outros instrumentistas recebem os aplausos da plateia.

1. INT. CASA DO CHORO/SAGUÃO - DIA

Após o show, Jayme conversa com Luciana Rabello. Entre os assuntos abordados estão:

- *A introdução da quinta corda no cavaquinho por Mario Alvares;*

- *A fundação da Casa do Choro;*

- Os projetos, como o "Baú do Animal" que buscam integrar músicos contemporâneos e antigos;

- A tradição do choro em sua família e a paixão pela música que os une.

Ao final do bate papo, ANA RABELLO, filha de Luciana e também cavaquinista, chega e as duas formam um duo.

SOBE SOM "Velhos Chorões", de Luciana Rabello.

LETTERING: "VELHOS CHORÕES", DE LUCIANA RABELLO.

Nosso olhar alterna entre as mãos de mãe e filha que manipulam seus instrumentos habilmente.

INSERT - Imagens de um Lutier construindo um cavaquinho.

Seguimos transitamos entre as mãos das instrumentistas e as mãos do Lutier, que lixa e aplaina a madeira, estica as cordas e por fim, dedilha o instrumento testando seu som.

Ao final, Jayme, com seu cavaquinho, se junta a Luciana e Ana Rabello e o trio encerra junto a execução da música.

1. EXT. ESCOLA PORTÁTIL DE MÚSICA/JARDIM - DIA

SOBE SOM "Velho Amigo", de Jonas Pereira da Silva.

A música é executada por Jayme e LUCAS SOUZA, ambos professores da Escola Portátil de Música, acompanhados por um grupo de alunos com seus cavaquinhos.

LETTERING: VELHO AMIGO, DE JONAS PEREIRA DA SILVA.

Ao final da performance, Jayme e Lucas dão dicas para os alunos sobre a afinação dos instrumentos e o seu manuseio. Eles falam também sobre a importância de Jonas Pereira da Silva na história do Choro.

Quando os alunos se despedem, Jayme avisa sobre a roda de Choro na "Arena Dicró", na Penha, que acontece aos domingos.

Agora sozinhos, Jayme e Lucas conversam sobre suas trajetórias dentro da música popular, em especial o Choro. Entre os temas abordados estão:

- A entrada tardia do cavaquinho nas escolas de música;

- A rara utilização do cavaquinho dentro do repertório de câmara;

- Jayme fala de sua participação no grupo "Água de moringa", que ganhou o prêmio Sharp em 1998 pelo CD "Saracoteando".

- Os músicos falam sobre sua relação afetiva com o instrumento e de como a música entrou em suas vidas.

SOBE SOM "Saracoteando", de Jacob do Bandolim.

O Bate papo se encerra com os dois cavaquinistas executando a Música "Saracoteando", de Jacob do Bandolim.

1. EXT. CENTRAL DO BRASIL - DIA

SOBE SOM "Brasileirinho", De Waldir Azevedo.

Jayme encontra com o cavaquinista BERNARDO DINIZ. Eles e os alunos da Escola Portátil de Música embarcam com seus instrumentos no ônibus 498 em direção a Penha.

INSERT - Imagens extraídas do documentário "O Transporte dos Cariocas" de Jean Manzon mostram a Central do Brasil nos anos 50; trens lotados com passageiros pendurados nas portas.

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=E0e8xHCE-bk>

1. I/E. ÔNIBUS/AVENIDA BRASIL - DIA

SOBE SOM "Brasileirinho", De Waldir Azevedo
(Cont.)

Durante o trajeto pela Avenida Brasil, os alunos arriscam executar de forma descontraída a famosa composição de Waldir Azevedo.

LETTERING: BRASILEIRINHO, DE WALDIR AZEVEDO.

Do lado de fora a paisagem urbana da Avenida Brasil, onde se sucedem imagens de favelas, subúrbios e estabelecimentos comerciais.

Jayme e Bernardo mostram para os alunos a técnica da croda presa e corda solta, utilizada por Waldir. Jayme e Bernardo conversam sobre a obra de Waldir Azevedo, ressaltando os temas:

- A contribuição de Waldir Azevedo para a popularização do Choro;
- O sucesso absoluto de Brasileirinho em todo o território nacional;

- A rixa com Jacob do Bandolim, que considerava suas músicas como "som de latrina";

8. EXT. ARENA DRICRÓ - DIA

SOBE SOM "Pingo no Ó", de Messias Brito.

Quando o grupo chega à arena, a roda de Choro já está formada e traz vários instrumentistas de diferentes regiões da cidade. Entre eles está MESSIAS BRITO, um dos principais expoentes do Choro contemporâneo, que executa algumas de suas composições.

LETERING: PINGO NO Ó, DE MESSIAS BRITO

No intervalo da roda, Jayme conversa com Messias sobre as inovações que músico procura introduzir no cavaquinho, abrindo novos caminhos para o instrumento. O cavaquinho é visto por muitos como limitado por sua extensão de duas oitavas, mas nas mãos de Messias, ele alcança amplas possibilidades.

Já ao final, a roda ganha uma ilustre presença: SIQUEIRA, mestre do cavaquinho,

hoje com 78 anos. Siqueira chegou a tocar com Pixinguinha e outros grandes nomes da história do Choro.

SOBE SOM "Chora Cavaquinho", de Dunga.

Acompanhado dos outros instrumentistas da roda, Siqueira toca "Chora Cavaquinho", composição de Dunga que foi gravada por Canhoto no Disco "Canhoto 1960".

LETTERING: CHORA CAVAQUINHO, DE DUNGA

Siqueira relembra a trajetória do Regional do Canhoto, um dos principais conjuntos musicais que fizeram história na época de ouro das rádios. O Regional do Canhoto contou com importantes músicos da história do Choro como Benedito Lacerda, Meira, Dino 7 cordas e até Pixinguinha.

Siqueira comenta como eram as antigas rodas de choro nos tempos de Pixinguinha e dos tipos característicos de Chorões, como os "fominhas", instrumentistas que sempre querem solar quando entram nas rodas e escolhem sempre as composições que tocam com destreza.

INSERT - Imagens do filme "Conversa de Botequim", de Luiz Carlos Lacerda, onde Pixinguinha aparece conversando com João da Baiana na mesa de um bar.

JOÃO DA BAIANA[07:55 a 08:07] "Um compositor por exemplo como Pixinguinha... ele escutava uma música, colocava uma letra sentimental, ficava uma coisa assim linda, bonita..."

1. INT. CASARÃO EM SANTA TERESA - NOITE

SOBE SOM "Choro Frevado", de Antônio da Silva Torres, o Jacaré.

O Sarau da noite já está formado com a presença do jovem cavaquinista pernambucano JOÃO PAULO ALBERTIM. É ele quem executa a composição de Jacaré.

LETERING: CHORO FREVADO, DE JACARÉ

Jayme conversa com Albertim sobre sua trajetória no choro:

- Os pontos de confluência entre suas composições e o também pernambucano Jacaré, como os fraseados comoventes de ágil e sutil dinâmica;

- A importância de Jacaré, considerado o maior solista do cavaquinho com estilo distinto de Waldir Azevedo;

- As composições de João Paulo Albertim, em seu primeiro disco "Toca Pernambuco", onde o músico explora toda uma gama de combinações rítmicas de diferentes gêneros típicos de seu estado natal.

SOBE SOM "Toca Pernambuco", de João Paulo Albertim e Adelmo Arcoverde.

LETERNG: TOCA PERNAMBUCO DE JOÃO PAULO ALBERTIM.

Albertim executa algumas composições suas, acompanhado dos demais instrumentistas presentes.

Os instrumentistas comentam sobre a dificuldade de se tocar a clássica "Apanhei-te, Cavaquinho" de Ernesto Nazaré. Originalmente composta para piano, quando executada por cavaquinistas, acaba sofrendo pequenas alterações em sua melodia, devido à pequena extensão do instrumento.

SOBE SOM - "Apanhei-te, Cavaquinho", gravação original em piano solo de Ernesto Nazareth

de 1930, Relançado em 2013 no CD "Ernesto Nazareth 150 anos".

Albertim é desafiado então a tocar a composição em seu cavaquinho de 5 cordas. O Jovem tenta executar a música e comenta sobre o resultado com os companheiros.

Estão presentes também os cavaquinistas HENRIQUE CAZES, LUCAS OLIVEIRA e JOÃO GABRIEL MENEZES, que se revezam executando composições próprias.

Encerramos nesse clima de confraternização e descontração, celebrando com muita comida e bebida. Pois em nosso sarau jamais o "gato está no forno", como diziam os antigos chorões sobre as festas onde a mesa não era farta.

ROTEIRO - EPISÓDIO 3 - O PIANO

INT. HALL DO CINEMA ODEON - DIA

SOBE SOM "Odeon," de Ernesto Nazareth, com
Cristóvão Bastos

LETTERING: ODEON, DE ERNESTO NAZARETH

Maíra de Freitas (INVESTIGADORA), jovem pianista e filha de Martinho da Vila, compra um ingresso na bilheteria externa do cinema Odeon. Entra no hall e se depara com Cristóvão Bastos ao piano, acompanhando por outros músicos, tocando "Odeon", choro de Ernesto Nazareth. Apesar do músico e arranjador tocar a música à sua maneira, ele faz as vezes de Nazareth, que, em 1908, foi contratado para animar a sala de espera daquele que era o mais luxuoso cinema da cidade. Mãos hábeis ao piano. Pessoas circulam pelo cinema em pleno funcionamento. Maíra entra na sala.

INT. SALA DO CINEMA ODEON - DIA

SOBE SOM Trilha de valsas, tangos e polcas de
Ernesto Nazareth (original)

Na sala de projeção, são exibidas imagens que compõem o projeto "Rio Primeiras Poses", Poses", no qual sete composições de Nazareth, cujo acervo está sob a guarda do

IMS, compõem a trilha sonora para fotografias do Rio Antigo - de 1840 a 1930. As valsas iniciais acompanham as fotos mais abertas, que sugerem mais silêncio e suavidade. À medida que as fotos vão descendo rumo às ruas da cidade e ao movimento das pessoas, aceleram-se os andamentos, com um tango brasileiro e três polcas.

INT. VAGÃO DE TREM - DIA

SOBE SOM "Os Três Chorões", de Cristóvão Bastos, com músico desconhecido (a definir)

LETTERING: OS TRÊS CHORÕES, DE CRISTÓVÃO BASTOS

Maíra vai de trem para Marechal Hermes, onde Cristóvão Bastos nasceu e onde ainda existem rodas ativas de choro. No vagão cheio, um músico desconhecido toca numa escaleta "Os Três Chorões", de Cristóvão. Pela janela do trem, vemos as ruas passarem através de imagens do filme "Rio Zona Norte" (1957), de Nelson Pereira dos Santos. Chegamos à Estação Marechal Hermes.

EXT. RUA DE MARECHAL HERMES - DIA

Pelas calçadas de Marechal, Cristóvão conversa com Maíra sobre:

- Como foi a sua infância musical em Marechal Hermes.
- A ligação do subúrbio carioca com o Choro.
- Como construiu sua formação em piano de maneira autodidata.
- Como o Choro apareceu em sua vida.
- Parcerias em composições de Choro mais marcantes.
- Se existe dificuldade de integrar o piano ao regional, à roda.
- O estigma do Choro de "música antiga".

EXT. PRAÇA DE MARECHAL HERMES - DIA

SOBE SOM "Marechal Hermes", de Cristóvão Bastos, com Cristóvão

LETTERING: MARECHAL HERMES, DE CRISTÓVÃO BASTOS

Um lindo piano ocupa a praça principal do bairro. Cristóvão toca o choro que compôs recentemente em homenagem ao bairro de Marechal Hermes para o álbum "Rio de Janeiro

Pitoresco-Musical". As cordas vibram e produzem o som. Moradores assistem sentados à porta de casa, como as pessoas costumam passar o tempo no subúrbio.

EXT. PRAÇA TIRADENTES - DIA

SOBE SOM "Lua Branca", de Chiquinha Gonzaga,
com Maria Teresa Madeira

LETTERING: LUA BRANCA, DE CHIQUINHA GONZAGA

Mudamos de toque e de melodia. Apreciamos agora as mãos de uma mulher tocar com virtuosismo um piano que também reina absoluto, mas desta vez na Praça Tiradentes. A mulher é Maria Teresa Madeira, que, vestida de época, apresenta "Lua Branca", composição executada por ela no seu disco "Chiquinha Gonzaga por Maria Teresa Madeira". Vale destacar que, em 1999, Maria Teresa dublou as mãos de Regina Duarte no papel de Chiquinha Gonzaga na minissérie da Rede Globo.

Quando a música acaba, a Praça Tiradentes, que chegou a ser o núcleo principal de apresentação dos espetáculos do Teatro de Revista na últimas décadas do século XIX, é

invadida por atores caracterizados. Começa uma reencenação de "Forrobodó - Burlata de Costumes Cariocas", uma opereta em três atos de Luís Peixoto e Carlos Bittencourt e música de Chiquinha Gonzaga. A ação da peça ocorre durante uma *soirée* dançante onde personagens pobres tentam imitar o comportamento da elite.

(Ato I)

CORO GERAL

Que será? Que haverá? Sarrabulho?

Porque está todo o povo alarmado?

Que barulho! Que barulho!

Não se pode dormir sossegado

CORO DE MULHERES

Que foi isso? Que foi isso?

Porque tanto reboliço?

[...]

O público que cruza o centro da cidade para trabalhar se aproxima. Roupas sociais e pastas na mão contrastam com a indumentária de época dos atores. A praça fica tomada pelo teatro e pelo Choro.

Ainda sentada ao piano, Maria Teresa fala sobre a trajetória de Chiquinha e das conquistas da grande maestrina. Chiquinha compôs mais de duas mil canções populares, entre elas a primeira marchinha escrita para o carnaval: "Ô abre alas", de 1889, que faz parte do imaginário do povo brasileiro. Máira e Maria Teresa também dialogam sobre a presença feminina no Choro.

- Quando foi seu primeiro contato com a música de Chiquinha.
- Qual é a importância da obra de Chiquinha para a música popular brasileira
- De que forma ela abriu espaço para outras mulheres compositoras e instrumentistas como ela.
- A mulher sofre preconceito na música instrumental?
- Quais eram as dificuldades de uma mulher para se tornar musicista no tempo de Chiquinha. E quais são as dificuldades de hoje.

INSERT Imagens do maestro Radamés Gnattali no filme "Nosso amigo Radamés Gnattali", de

Aluisio Didier e Moisés Kendler. - > promo:

<https://www.youtube.com/watch?v=HsoedN7Dtmw>

(trecho de depoimento de Radamés no doc)

"Música é o maior mistério que existe.

Você não pode explicar a música com palavras.

Você não pode explicar o som de um clarinete

ou de um piano com palavras.

Tem que tocar para o sujeito ouvir.

E assim é a composição musical.

É uma arquitetura de som, uma sinfonia, por exemplo.

Não se pode explicar com palavras isso. Só ouvindo"

INT. CASA DE EGBERTO GISMONTI - DIA

SOBE SOM "Remexendo", de Radamés Gnatalli, com Egberto Gismonti

LETTERING: REMEXENDO, DE RADAMÉS GNATALLI

Em primeiro plano, Egberto Gismonti, com seu cabelão característico e touca inseparável, celebra Radamés Gnatalli, um dos maiores arranjadores da história da música brasileira e que, assim como ele, sempre

transitou entre o erudito e o popular. Toca "Remexendo", composta pelo maestro e pianista. Conversa com Máira sobre a obra de Gnatalli, que ele considerava ter sido uma das pessoas mais importantes da vida, e sobre seu trabalho.

- Como Gnatalli quebrou preconceitos ao transitar entre o erudito e o popular.
- Como se notava a sua fluência e técnica ao piano.
- A importância dele na sua vida.
- O jeito Gismonti de tocar: descoordenação das duas mãos; uma partitura para cada mão.
- Como fez, de forma autodidata, a transferência do estudo do piano para o violão.
- Como foi passar uma temporada com índios do Xingu para investigar a música popular e folclórica brasileira
- Fale sobre a infância musical ao lado dos irmãos na cidade do Carmo, interior do estado do Rio de Janeiro.

INT. PALCO DE UM TEATRO - DIA

SOBE SOM "7 Anéis", de Egberto Gismonti, com o próprio + Bianca Gismonti

LETTERING 7 ANÉIS, DE EGBERTO GISMONTI

No palco, o duo de pianos (com um piano voltado para o outro) formado por Egberto e sua filha, a também pianista Bianca Gismonti, toca o conhecido choro "7 Anéis", assinado por Egberto. Troca de olhares, de gestos e de sorrisos de cumplicidade.

INT. CASARÃO EM SANTA TERESA - DIA

SOBE SOM "Sarau para Radamés", de Paulinho da Viola, com o próprio + Cristóvão Bastos e Máira Freitas

LETTERING: SARAU PARA RADAMÉS, DE PAULINHO DA VIOLA

Para encerrar, a roda de choro anima a casa de saraus em Santa Teresa regada a cerveja e petisco. O grande destaque da vez é o imponente e inusitado piano. Paulinho da Viola junta-se a Máira e à Cristóvão Bastos

para a execução de "Sarau para Radamés", composta por ele em 1980 em homenagem a Gnattalli. Depois, os compadres Cristóvão Bastos e Paulinho da Viola apresentam composições da dupla, como "Meu Tempo de Garoto", "Não me Digas não" e "Um choro pro Waldir". Maíra também assume o comando da roda, executando faixas como "O Voo da Mosca", de Jacob do Bandolim, regravado por ela no disco que leva o seu nome. Estamos em um ambiente de afeto e confraternização. O clima é descontraído, com brincadeiras e desafios musicais entre os integrantes.

SINOPSES

EPISÓDIO Nº 01 – A FLAUTA

O primeiro impacto: a música. Começamos com ela. Estabelecendo um diálogo musical com os espectadores, uma roda de choro composta por alunos e por professores da Escola da Portátil toca “Salve Copinha”, composta pelo “bruxo” **Hermeto Pascoal** em homenagem ao flautista Nicolino Cópia, o **Copinha**. A prosa melodiosa se dá através dos olhos, ouvidos e mãos. Essa é, afinal, uma série sobre o prazer de ouvir música, e não qualquer música, mas o inquieto e eufórico Choro.

Nosso olhar passeia pelos instrumentos musicais e se detém na flauta. O som desse instrumento ganha volume e se destaca dos demais. As mãos hábeis e delicadas da flautista chamam atenção. Trata-se da japonesa **Naomi Kumamoto**, que após descobrir o Choro ainda no Japão mudou sua trajetória e veio parar no Brasil. E é com ela que descobriremos os caminhos do Choro nesse primeiro episódio. Naomi deixou para trás sua carreira na música clássica e desde 2001 passou a se dedicar ao Choro, tornando-se não apenas uma das expoentes do gênero, mas também uma de suas principais divulgadoras no exterior.

Ainda no jardim da Escola Portátil, Naomi conversa com outro flautista, **Eduardo Neves**, que foi aluno de Copinha e integrante do grupo de Hermeto Pascoal nos anos 90. Eduardo fala um pouco sobre sua trajetória e sobre a influência desses dois grandes nomes da música brasileira em sua carreira. O bate papo é costurado por imagens de Naomi e Eduardo, tocando seus instrumentos na roda de Choro.

Em um vagão do Metro, Naomi retira de sua bolsa o livro “OS CHORÕES”, de Alexandre Gonçalves Pinto, o Animal. Enquanto sua atenção fica no livro, um flautista solitário, que está no mesmo vagão, toca “*Flor Amorosa*”, de **Joaquim Callado**, considerado o pai dos chorões. A música ao vivo vai sendo substituída pelo som de uma antiga gravação da mesma música. A voz over de Naomi lê trechos que falam do surgimento do choro e dos encontros dos chorões em pontos tradicionais como a Praça Tiradentes e a Rua da Carioca. Seguimos a viagem no Metrô. “Flor

amorosa” pode ser substituída por composições de outros chorões da época como **Patápio Silva** e **Viriato**. Imagens de partituras ou lettering podem indicar o nome das músicas e dos compositores.

O som das composições nos conduz até a casa de **Odete Ernest Dias**, a francesa que veio para o Brasil em 1952 para atuar na Orquestra Sinfônica e tornou-se mestre de várias gerações de flautistas brasileiros. Odete e Naomi trocam impressões sobre as particularidades da musicalidade brasileira que mais as fascinam. Estão presentes também as filhas de Odete, **Claudia e Andréa Ernest Dias**, ambas excelentes musicistas que atuam nos cenários da música popular e erudita. Essas quatro mulheres formam uma roda e executam composições próprias e de mestres como Joaquim Callado e Pixinguinha. Odete lembra que conheceu **Pixinguinha** em sua juventude e comenta sobre a experiência de vê-lo tocar ao vivo.

Num sebo da Praça Tiradentes, Naomi garimpa discos de chorões dos anos 70 e 80. Ela coloca um LP de **Altamiro Carrilho** no toca discos, enquanto segue procurando outras raridades. O som das composições de Carrilho nos transporta a imagens suas em apresentações e entrevistas. (muitas podem ser retiradas do box de DVDS “A Fala da Flauta”).

Ao sair do Sebo, Naomi caminha pelas ruas do centro e se depara com uma roda de choro bem popular, regada a cerveja e petiscos, onde tocam clássicos de Pixinguinha. A música da roda dá o ritmo da caminhada de Naomi, que segue para a Lapa e entra no MIS.

Esperando por ela se encontra **Leonardo Miranda**, flautista que desenvolve um importante trabalho de pesquisa do Choro. Os dois flautistas batem papo sobre o que os une, o instrumento. Como se preserva e se identifica um bom instrumento. Falam sobre materiais, da diferença do som que sai da flauta de metal e do som que sai da flauta de madeira de ébano. Leonardo mostra a Naomi sua flauta de ébano, quase uma raridade nos dias de hoje, e toca trechos de Flor Amorosa, de Joaquim Callado. O pai dos chorões utilizava uma flauta como essa e a sonoridade do instrumento nos remete aos primórdios do choro.

Na sala de arquivos do MIS, Leonardo mostra a Naomi depoimentos de Pixinguinha. A voz over de Pixinguinha nos conduz através de passagens de sua vida, principalmente o início da carreira e a infância na Pensão Vianna ao lado da família e dos chorões amigos de seu pai. Imagens de arquivo de filmes cuja trilha sonora contém composições de Pixinguinha ocupam a tela revezando-se com imagens de arquivo de apresentações suas ao lado dos 8 batutas.

As imagens de arquivo do filme “ACABARAM-SE OS OTÁRIOS”, sob o som de Carinhoso de Pixinguinha nos conduz até um casarão em Santa Teresa, que abrigará nossos saraus por todos os episódios da série. Lá os músicos já estão tocando Carinhoso com um arranjo mais contemporâneo e Naomi se junta a eles com sua flauta.

Passeamos pelos cômodos com decoração moderna da casa enquanto nossos chorões executam composições mais contemporâneas. Entre eles estão **Maria Souto**, professora da Escola Portátil de Música e integrante do grupo Camerata Brasilis, e **Dudu Oliveira**, um virtuose do choro, que foi fortemente influenciado no início da carreira por Altamiro Carrilho, um dos maiores flautistas brasileiros.

Numa das pausas, Naomi conversa com Dudu sobre o mestre Carrilho. Dudu relembra as conhecidas histórias de Altamiro, como quando aos oito anos de idade produziu ele mesmo uma flauta de bambu com rolha de cortiça para se apresentar em um programa de calouros. Tocou “Carinhoso” em Fá maior e faturou o primeiro lugar.

Entre música, bate papo, cerveja e petiscos, Naomi provoca discussões sobre as composições que os músicos executam. Nomes importantes da história recente do choro são citados e comentados. Alguns músicos podem contar passagens inusitadas e emocionantes de sua trajetória no choro.

EPISÓDIO Nº2 – O CAVAQUINHO

Ao som de “*Serpentina*” do cavaquinista **Nelson Alves**, que participou do grupo “8 Batutas” e também do grupo musical de Chiquinha Gonzaga, nossa mirada passeia por olhares que se cruzam. Olhares de cumplicidade, surpresa, desafio, comunhão. São músicos que executam a composição de Nelson numa roda de choro. **Henrique Cazes**, importante cavaquinista e pesquisador do choro, dá um depoimento sobre sua tese que trata justamente do “olhar” na roda de Choro. Ele fala dessa comunicação silenciosa, mas cheia de códigos, entre os instrumentistas durante os improvisos característicos do gênero. Quem conversa com Henrique Cazes é nosso investigador, o também cavaquinista **Jayme Vignoli**.

Após o bate papo vemos Jayme caminhar pela Rua da Carioca, apreciando seus antigos sobrados que vêm resistindo às transformações arquitetônicas sofridas pela cidade nas últimas décadas. A Rua da Carioca foi outrora ponto de encontro dos antigos chorões e abriga desde 1999 a Casa do Choro, instituição dedicada à preservação e divulgação da música popular carioca. Ao som de “*Tira Poeira*”, de **Mário Álvares**, as imagens da atual rua da Carioca se misturam com imagens de arquivo do Rio antigo.

No auditório da Casa do Choro, **Luciana Rabello**, acompanhada de outros instrumentistas, apresenta esta e outras composições de Mário Álvares, introdutor do cavaquinho de cinco cordas no Brasil e prolífico compositor. A apresentação faz parte do projeto “Baú do Animal”, onde instrumentistas contemporâneos apresentam composições dos primeiros chorões, citados no livro “O Choro, Reminiscências dos Chorões Antigos”, de Alexandre Gonçalves Pinto, vulgo Animal, e de outros compositores que, embora não sejam citados no livro, figuraram na história do nascimento do Choro.

Sobre o áudio da apresentação, imagens de partituras das composições executadas ocupam a tela enquanto ouvimos a voz de nosso Investigador lendo trechos do livro do “Animal” que falam de Nelson e Mário.

Ao final do show, Jayme conversa com Luciana Rabello sobre a fundação da Casa do Choro e sobre os projetos que buscam integrar músicos contemporâneos e antigos. Luciana, agora acompanhada de sua filha **Ana Rabello**, executa algumas composições suas. Dessa vez nossa mirada transita não apenas pelos olhares de mãe e filha, mas também pelas suas mãos que manipulam os cavaquinho com incrível destreza. Das mãos das duas mulheres, passamos para as mãos de um Luthier, que lixa e aplaina a madeira, estica as cordas e por fim dedilha um cavaquinho testando seu som.

Luciana e Ana falam um pouco sobre a tradição do Choro em sua família e da paixão pela música que os une.

Vamos agora para a “Escola Portátil de Música”, espaço de formação ligado a “Casa do Choro”. Na aula de cavaquinho, Jayme encontra o professor **Lucas Souza** orientando sua turma. Alguns alunos acompanham Jayme na execução de “Velho Amigo”, de **Jonas Pereira da Silva**, outro importante cavaquinista e compositor do Choro. Jayme e Lucas conversam sobre a entrada tardia do cavaquinho nas escolas de música. Instrumento de tradição popular, o cavaquinho não é muito explorado para o repertório de câmara, salvo por compositores como Radamés Gnattali, que compôs por exemplo “*Variações sem Tema*” em homenagem a Luciana Rabello. Os instrumentistas comentam também sobre sua relação afetiva com o cavaquinho e de como o instrumento entrou em suas vidas. Ao final da aula, Jayme avisa aos alunos que no dia seguinte acontece a roda de Choro na “Arena Dicro” na Penha.

No Domingo, Jayme encontra com os alunos na Central do Brasil. O cavaquinista **Bernardo Diniz** se une ao grupo e eles tomam o ônibus 498 em direção a Penha. Durante o trajeto pela Avenida Brasil, os alunos arriscam executar de forma descontraída algumas composições de **Waldir Azevedo** como “*Brasileirinho*” e “*Delicado*”. Bernardo fala um pouco desse pirotécnico do cavaquinho, com sua técnica de corda presa e corda solta.

Na Arena Dicro a roda já está formada e tem como convidado **Messias Brito**, um dos principais expoentes do Choro contemporâneo. Messias executa algumas composições suas e fala das inovações que procura introduzir no cavaquinho,

abrindo novos caminhos para o instrumento. O cavaquinho é visto por muitos como limitado por sua extensão de duas oitavas, mas nas mãos de Messias, ele alcança amplas possibilidades.

Já ao final, a roda ganha uma ilustre presença: **Siqueira**, mestre do cavaquinho, hoje com 78 anos. Siqueira chegou a tocar com Pixinguinha e outros grandes nomes da história do Choro. Siqueira executa algumas músicas que tornaram célebre o Regional do Canhoto, um dos principais conjuntos musicais que fizeram história na época de ouro das rádios. O Regional do **Canhoto** contou com importantes músicos da história do Choro como Benedito Lacerda, Meira, Dino 7 cordas e até Pixinguinha. Durante a fala de Siqueira, entramos com imagens de arquivo do Regional do Canhoto tocando no II Festival de Choro da Rede Bandeirantes.

Siqueira comenta também sobre as rodas de choro do tempo de **Pixinguinha** e dos tipos característicos de Chorões, como os “fominhas”, instrumentistas que sempre querem solar quando entram nas rodas e escolhem sempre as composições que tocam com destreza. Permeamos a conversa com imagens de do filme “*Conversa de Botequim*” de Luiz Carlos Lacerda, onde Pixinguinha aparece batendo papo com João da Baiana.

Para terminar, passamos para o sarau no Casarão de Santa Teresa. Retomamos o jogo de olhares do início do episódio e descobrimos que se trata da mesma roda de choro. O sarau hoje conta com o jovem pernambucano **João Paulo Albertim**. Além de composições suas, Albertim toca músicas de **Jacaré**, também pernambucano e considerado um grande solista com estilo distinto de Waldir Azevedo. O “*Choro Frevado*” de Jacaré, com seus fraseados comoventes de ágil e sutil dinâmica, se aproxima das composições de Albertim, em cujo primeiro disco “*Toca Pernambuco*” explora toda uma gama de combinações rítmicas de diferentes gêneros típicos de seu estado natal.

Os cavaquinistas **Lucas Oliveira** e **João Gabriel Menezes** também se apresentam e o bate papo rola solto. Os instrumentistas comentam sobre a dificuldade de se tocar a clássica “*Apanhei-te, Cavaquinho*” de Ernesto Nazaré.

Originalmente composta para piano, quando executada por cavaquinistas acaba sofrendo pequenas alterações em sua melodia, devido à pequena extensão do instrumento. João Paulo Albertim é desafiado então a tocar a composição em seu cavaquinho de 5 cordas. O Jovem tenta executar a música e comenta sobre o resultado com os companheiros.

Ao final os cavaquinistas presentes trocam impressões sobre suas composições e estilos de tocar o cavaquinho. Encerramos nesse clima de confraternização e descontração, celebrando com muita comida e bebida. Pois em nosso sarau jamais o “gato está no forno”, como diziam os antigos chorões sobre as festas onde a mesa não era farta.

EPISÓDIO Nº 03 – O PIANO

Nossa investigadora, **Maíra de Freitas**, jovem pianista e filha de Martinho da Vila, compra um ingresso na bilheteria externa do Odeon. Entra no hall do cinema e se depara com **Cristóvão Bastos** ao piano, acompanhando por outros músicos, tocando “Odeon”, choro de **Ernesto Nazareth**. Apesar do músico e arranjador tocar a música à sua maneira, ele faz as vezes de Nazareth, que, em 1908, foi contratado para animar a sala de espera daquele que era o mais luxuoso cinema da cidade. Pessoas circulam pelo cinema em pleno funcionamento. Maíra entra na sala.

Na sala de projeção, são exibidas imagens que compõem o projeto “Rio Primeiras Poses, no qual sete composições de Nazareth, cujo acervo está sob a guarda do IMS, compõem a trilha sonora para fotografias do Rio Antigo - de 1840 a 1930. As valsas iniciais acompanham as fotos mais abertas, que sugerem mais silêncio e suavidade. À medida que as fotos vão descendo rumo às ruas da cidade e ao movimento das pessoas, aceleram-se os andamentos, com um tango brasileiro e três polcas.

Da Cinelândia, Maíra vai de trem para Marechal Hermes, onde Cristóvão Bastos nasceu e onde ainda existem rodas ativas de choro. No vagão cheio, um

músico desconhecido toca numa escaleta "Os Três Chorões", de Cristóvão. Bairro do subúrbio carioca, Marechal Hermes foi o primeiro bairro operário planejado do Brasil. Cristóvão fala com Maíra sobre o instrumento piano e da dificuldade de integrá-lo ao regional, à roda. Em seguida, Cristóvão e o conjunto Nó em Pingo D'água apresentam composições contemporâneas em uma roda improvisada. Cristóvão toca o choro que compôs recentemente em homenagem ao bairro para o álbum "Rio de Janeiro Pitoresco-Musical". Moradores assistem sentados à porta de casa, como as pessoas costumam passar o tempo no subúrbio.

Em outro momento, vemos um piano reinar solo na Praça Tiradentes. Contemplamos as mãos de uma mulher tocar habilmente o instrumento. A mulher é **Maria Teresa Madeira**, que apresenta "Lua Branca", composição executada por ela no seu disco "**Chiquinha Gonzaga** por Maria Teresa Madeira". Vale destacar que, em 1999, Maria Teresa dublou as mãos de Regina Duarte no papel de Chiquinha Gonzaga na minissérie da Rede Globo.

Quando a música acaba, a Praça Tiradentes, que chegou a ser o núcleo principal de apresentação dos espetáculos do Teatro de Revista na últimas décadas do século XIX, é invadida por atores caracterizados. Começa uma reencenação de "Forrobdó - Burlata de Costumes Cariocas", uma opereta em três atos de Luís Peixoto e Carlos Bittencourt e música de Chiquinha Gonzaga. A ação da peça ocorre durante uma soirée dançante em que personagens pobres tentam imitar o comportamento da elite. O público se aproxima. A praça fica tomada pelo teatro e pelo choro.

Ainda sentada ao piano, Maria Teresa fala sobre a trajetória de Chiquinha e das conquistas da grande maestrina, que abriu espaço para outras mulheres compositoras e instrumentistas como ela. Chiquinha compôs mais de duas mil canções populares, entre elas a primeira marchinha escrita para o carnaval: "Ô abre alas", de 1889, que faz parte do imaginário do povo brasileiro. Maíra e Maria Teresa conversam sobre a presença feminina no Choro: preconceito e visibilidade, barreiras e triunfos.

Agora estamos com **Egberto Gismonti**. Com seu cabelão característico e touca inseparável, ele celebra **Radamés Gnatalli**, um dos maiores arranjadores da história da música brasileira e que, assim como ele, sempre transitou entre o erudito e o popular. Toca “Remexendo”, composta pelo maestro e pianista. Conversa com Maíra sobre a obra de Gnatalli, que ele considerava ter sido uma das pessoas mais importantes da sua vida e sobre seu trabalho. Depois, no palco, o duo de pianos formado por Egberto e sua filha, a também pianista **Bianca Gismonti**, apresenta o conhecido choro “7 Anéis”, assinado por Egberto. Troca de olhares, de gestos e de sorrisos de cumplicidade.

Para encerrar, a roda de choro anima a casa de saraus em Santa Teresa regada a cerveja e petisco. O grande destaque da vez é o imponente e inusitado piano. **Paulinho da Viola** junta-se a Maíra e a Cristóvão Bastos para a execução de “Sarau para Radamés”, composta por ele em 1980 em homenagem a Gnatalli. Depois, os compadres Cristóvão Bastos e Paulinho da Viola apresentam composições da dupla, como “Meu Tempo de Garoto”, “Não me Digas não” e “Um choro pro Waldir”. Maíra também assume o comando da roda, executando faixas como “O Voo da Mosca”, de Jacob do Bandolim, regravado por ela no disco que leva o seu nome. Os pianistas **Alexandre Dias** e **Leandro Braga** também assumem o instrumento entre uma canja e outra. Estamos em um ambiente de afeto e confraternização. O clima é descontraído, com brincadeiras e desafios musicais entre os integrantes.

EPISÓDIO Nº 04 – A CLARINETA E O SAXOFONE

Subimos as escadas da Gafieira Estudantina e encontramos no salão vários casais evoluindo ao som de “*Espinha de Bacalhau*” do Maestro **Severino Araújo**. Entre eles descobrimos nossa investigadora, Denise Rodrigues, dançando com um senhor, cliente costumeiro e exímio dançarino. No palco, o conjunto “Gafieira de Bolso”, que traz os instrumentistas **Eduardo Neves** e **Rui Alvim**, se apresenta.

Quando a música termina, Denise é convidada ao palco e dá uma canja com seu saxofone tocando “Choro de Gafieira” de **Pixinguinha**.

Ainda ao som da música, entramos com imagens de arquivo do filme “Pixinguinha e os 8 Batutas” de Thomas Farkas, onde Pixinguinha aparece tocando saxofone ao lado de **Benedito Lacerda**, que toca flauta, e dos outros Batutas.

Eduardo Neves segue com o “Gafieira de Bolso” no palco, enquanto Rui Alvim está sentado na mesa com Denise. Eles conversam sobre a relação ambígua de Pixinguinha e Benedito Lacerda, que formaram dupla e assinaram juntos várias composições, embora diga-se que na verdade era Pixinguinha quem compunha.

O “Gafieira de Bolso” toca também composições de **Paulo Moura**, que começou a carreira tocando em gafieiras e se tornou um dos principais expoentes da música brasileira. Paulo Moura ganhou, entre muitos outros prêmios, o Grammy pelo disco “Pixinguinha”, que gravou com o conjunto os Batutas.

As imagens dos casais dançando na Estudantina se mesclam com imagens de casais dançando em antigas gafieiras no filme de Ariel Bigault sobre Paulo Moura. No filme, o maestro aparece também tocando e conversando com Grande Otelo sobre sua trajetória.

Ao sair da Gafieira, Denise caminha pela Praça Tiradentes, tradicional ponto de Choro da cidade. O som da Estudantina vai ficando para trás e sendo substituído pelo suave e melancólico som de um saxofone. A praça está semi-deserta, aqui e ali alguns boêmios que já buscam o caminho de casa. Denise vai seguindo a música, observando os prédios antigos, até encontrar o solitário saxofonista que toca “Ingênuo” de Pixinguinha. Ao som dessa música entramos com imagens de arquivo do filme de João Carlos Horta, onde Pixinguinha abre sua intimidade, nos apresenta sua casa e por fim desembulha seu saxofone.

Estamos agora nos jardins da Escola Portátil de Música onde **Nailor Proveta** Fala para Denise sobre seu disco “Brasileiro Saxofone”, que tem como fio condutor a história do saxofone dentro da música brasileira. Nailor executa algumas composições de seu disco e fala sobre expoentes do choro como Pixinguinha, **Abel Ferreira, Luiz Americano**.

No final da tarde, Denise encontra com **Pedro Paes** no ponto da Rua Tavares Bastos e embarcam numa Kombi junto com alguns moradores da comunidade. Enquanto Pedro toca algumas composições em seu clarone, as casas e vielas da favela se misturam a imagens de arquivo que mostram moradores de uma favela dos anos 50 no Rio de Janeiro, retiradas do filme familiar de Eugênio Hauer Kwasisnki.

Denise e Pedro desembarcam no hostel lounge “The Mazze”, cultuado ponto do Jazz no Rio de Janeiro. No palco, diante de uma das melhores vistas da cidade, se apresenta o quarteto “Saxofonando”, formado por ex-alunos de Nailor Proveta. Além de composições próprias, eles apresentam obras de **K-ximbinho**, que inovou ao fazer orquestrações camerísticas para música popular, e de Severino Araújo, nome importantíssimo na formação das chamadas "big bands". Enquanto observam o espetáculo da noite cair no alto da favela, Pedro Paes e Denise conversam sobre as diferenças e similaridades entre o Choro e o Jazz e sobre a obra desses dois grandes compositores e saxofonistas.

Já no casarão de Santa Teresa, Denise participa de uma roda de Choro onde os instrumentistas que apareceram durante o Episódio fazem uma homenagem ao saxofonista e compositor **Moacir Santos**, um dos maiores mestres da música brasileira. Moacir alcançou um estilo próprio, marcante e inconfundível, visto por muitos como um marco da renovação de nossa música.

EPISÓDIO N° 05 – O VIOLÃO

Abrimos com a imagem de arquivo do solo de **Baden Powell** para a música “Gente Humilde”, de Aníbal Augusto Sardinha, o **Garoto**, reconhecido pela sua harmonização sofisticada e considerado uma das figuras mais fundamentais da música brasileira.

Nosso investigador, **Luiz Flavio Alcofra**, violonista que não abre mão de continuar tocando o seu instrumento de 6 cordas,– ou seja, não quis abraçar o 7

cordas –, visita a casa do também violonista **Jorge Mello**, que escreveu em 2012 uma biografia de Garoto (“Gente humilde — Vida e música de Garoto”). Jorge mostra seu rico acervo sobre o músico, que preserva acetatos e um diário escrito pelo violonista paulista que inclui passagens sobre suas apresentações na Rádio Nacional. Resgatamos imagens do documentário “Garoto, o Gênio das Cordas”, de Rafael Veríssimo, como o trecho do filme “Down Argentine Way”, de 1940, em que Carmen Miranda e Garoto interpretam a marchinha de carnaval “Mamãe eu quero”.

Luiz Flavio assiste a uma gravação no estúdio da Acari Records, selo musical especializado em Choro criado por **Maurício Carrilho** e Luciana Rabello e que tem por objetivo revelar compositores desconhecidos do passado e talentos contemporâneos. Rodeado pelo aparato tecnológico do estúdio, o próprio Maurício é quem ensaia ao violão “Valzinho”, uma das faixas da recém-lançada série de discos “8com”, em que ele apresenta composições próprias inéditas e convida jovens músicos de choro e solistas consagrados para lhe acompanhar. Quem o acompanha é o bandolinista Pedro Aragão, que participou de um dos álbuns da série.

Maurício leva Luiz Flavio para um tour pela gravadora e fala sobre a criação do selo musical, inspirado no caso da Blue Note, gravadora de jazz norte-americana fundada em 1939. Também fala sobre a sua relação com Meira, conhecido como o mais respeitado violão de seis cordas do regional e que foi seu mestre, além de ter dado aulas para Baden. Ele toca em seu violão “Molambo”, a mais conhecida das composições de Meira.

Em companhia do músico alagoano **João Lyra**, Luiz Flavio pega o avião para Pernambuco, terra de quatro dos principais violonistas da história do Choro: **Meira**, **Quincas Laranjeiras**, **João Pernambuco** e **Canhoto da Paraíba**. Lyra chegou a fazer parte de algumas reedições da Camerata Carioca depois que ela encerrou suas atividades. Ele, que é um grande conhecedor dos ritmos nordestinos e morou muitos anos em Recife, nos apresenta a cena de Choro da cidade enquanto também passeamos pela obra musical dos chorões mencionados.

Considerado um dos precursores do ensino de violão por partitura, Quincas Laranjeiras escreveu dois métodos práticos para violão: Novo Método para Violão,

editado por Ao Cavaquinho de Ouro, e Método para violão Andrade. Antes de integrar os Oito Batutas, João Pernambuco organizou o Grupo do Caxangá, conjunto de inspiração nordestina, tanto no repertório como na indumentária. Aos dezoito anos, Meira passou a integrar o conjunto “Voz do Sertão” liderado pelo grande bandolinista Luperce Miranda. Já Canhoto da Paraíba criou o Clube do Choro do Recife e ajudou a consolidar o ensino do gênero musical na cidade.

Luiz Flavio está de volta ao Rio. Na casa de saraus de Santa Teresa, é recriado o ambiente do “Sovaco de Cobra”, tradicional botequim carioca que ficava localizado no bairro da Penha, subúrbio carioca. Garçons, frequentadores e, claro, músicos de choro que frequentavam aquele que era conhecido como o ponto de encontro dos chorões do Rio de Janeiro são convocados. O bar foi também o berço do grupo Os Carioquinhas, que surgiu quando Rafael Rabelo tinha 14 anos, Luciana Rabello, 16 e Maurício Carrilho, 19. Garçons e frequentadores lembram o tempo áureo da saudosa casa.

Além de Maurício Carrilho e **Luciana Rabello**, Estão presentes no sarau o virtuoso **Guinga**, os integrantes do quarteto de violões **Maogani**, formado em 1995 a partir do encontro dos alunos do curso de Violão da Escola de Música da UFRJ Carlos Chaves, Marcos Alves, Paulo Aragão e Sergio Valdeos, além dos jovens talentos **Glauber Seixas** e **Iuri Bittar**. Acompanhamos de perto as movimentações para cada nota, sobretudo dos violonistas. Entre uma faixa e outra, os músicos debatem sobre o instrumento que os une: o violão de acompanhamento X o violão solista; o violão de 6 cordas X o violão de 7 cordas; gemedeira X raspadeira X baixaria (jeitos de tocar).

EPISÓDIO Nº 06 – O PANDEIRO E A PERCUSSÃO

Jorginho do Pandeiro, nosso investigador da vez, vestido de branco, caminha por entre árvores, enquanto ouvimos o ponto de macumba “*Caboclo do Mato*”, de **João da Baiana**. Nesta música, o pandeiro se destaca de forma potente e se mistura

à suavidade da flauta, que nos aproxima do Choro. Podemos ouvir, além dos instrumentos, o som de palmas e vozes de iabás cantando a letra que evoca essa entidade cultuada nos ritos africanos, mas remanescente dos povos indígenas. O “caboclo” é uma manifestação característica da miscigenação presente na religiosidade e na cultura brasileiras. O Jorginho alcança a roda e se une aos músicos, batendo palmas e marcando o ritmo. Podemos ver que estamos num dos jardins da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, local da Escola Portátil de Música. Além de Jorginho, integrante do tradicional conjunto “*Época de Ouro*”, estão presentes na roda, seu filho **Celsinho** e seu neto **Eduardo**, ambos também exímios pandeiristas.

O som da roda continua, agora sobre imagens de arquivo mudas do filme “*Conversa de Botequim*” de Luis Carlos Lacerda, que mostram João da Baiana dançando, caminhando, tocando pandeiro e “raspando” um prato de louça. João foi o primeiro pandeirista a se destacar na música brasileira; exímio instrumentista e compositor de sambas e choros. Seus avós eram escravos e sua mãe, baiana, de onde vem seu apelido.

Ainda no jardim, Jorginho e os outros instrumentistas conversam sobre a influência dos ritmos africanos no surgimento do Choro. Falam também sobre os escravos que aprendiam a tocar instrumentos e se apresentavam em festas nas fazendas e nas cerimônias religiosas das cidades. Permeando a conversa, o grupo de iabás, segue cantando os pontos de João da Baiana e também alguns “Corimas” compostos por ele em dialeto africano.

Entramos novamente com imagens de arquivo de João da Baiana, agora num bar, ao lado de Pixinguinha. João fala do pandeiro que ganhou de presente do Senador Pinheiro Machado depois que a polícia destruiu o seu instrumento.

Ainda na Escola Portátil, **Bolão**, um dos expoentes da percussão contemporânea, apresenta a Jorginho uma espécie de bateria rudimentar, onde o prato era amarrado de maneira improvisada e faltava ainda o pedal, sendo necessário chutar o bumbo. De maneira descontraída, Bolão executa algumas improvisações, mostrando a dificuldade de se tocar uma “bateria” como aquela.

Bolão, discípulo de **Luciano Perrone**, fala sobre as inovações que este grande músico trouxe para a percussão brasileira. Em seguida Bolão usa sua moderna bateria para mostrar diferentes estilos, de diferentes mestres da bateria brasileira. Bolão nos conta que os objetos percussivos são considerados os primeiros instrumentos musicais do mundo. Os primeiros tambores eram feitos com pedaços de tronco furados e cobertos com a pele de répteis.

Voltamos com imagens da roda iabas, dando destaque agora para jovens que tocam atabaque, as mulheres seguem cantando e também executam passos de dança característicos dos diversos gêneros africanos.

Chega mais um Pandeirista na roda. É **Netinho**, sobrinho de Jorginho, que comenta como a arte do pandeiro tem atravessado as gerações de sua família.

Ao sair da Escola Portátil, Jorginho encontra uma van a sua espera. Lá dentro estão os jovens pandeiristas **Gabriel Leite**, **Marcus Thadeu** e **Magno Julio**. Há também instrumentistas do sopro e das cordas. A lotada parte em direção à zona norte. Durante o trajeto, os pandeiristas vão executando choros contemporâneos e falando de suas carreiras. Gabriel e Marcus Thadeu aproveitam para falar sobre a inovadora pesquisa que estão fazendo sobre a bateria brasileira.

Chegamos à quadra da Estácio de Sá, originalmente chamada “*Deixa Falar*”, que foi a primeira escola de samba do Brasil. Lá encontramos alguns músicos da velha guarda. Os instrumentistas formam uma roda onde executam choros e sambas e conversam sobre suas similaridades e diferenças. Eles mostram como o pandeiro é tocado de forma distinta em cada um desses gêneros. Eles conversam também sobre **Russo do Pandeiro** que participou da criação da “*Deixa Falar*”. Russo acompanhou Carmem Miranda nos EUA e participou de inúmeros filmes em Hollywood, permanecendo quase dez anos nesse país.

Entramos com imagens de arquivo do filme “*Road to Rio*”, onde Russo aparece tocando pandeiro como integrante do conjunto “*Carioca Boys*”. Jorginho conversa com o jovem Magno Júlio sobre suas expectativas em relação a carreira de músico e se um dia espera que o pandeiro o leve tão longe como aconteceu com Russo do Pandeiro.

Bidu Campeche, outro pandeirista também presente, fala sobre os antigos terreiros de candomblé, como a casa de Tia Ciata, que eram frequentados pelos primeiros chorões e sambistas. Muitos deles, como **Donga**, destacaram-se em ambos os gêneros.

Na quadra de samba, os pandeiristas falam da inovação que **Pixinguinha** trouxe para o choro ao fazer orquestrações com batidas de percussão e de **Radamés Gnattali** que celebrizou essa conduta utilizando a rítmica característica desses instrumentos nos outros naipes de instrumentos melódicos da orquestra. Os instrumentistas executam então o refrão do famoso samba enredo da Portela feito em Homenagem a Pixinguinha, com um arranjo puxado mais para o “choro sambado”. Enquanto isso, entram passistas e ritmistas da Estácio fazendo evoluções. A bateria da escola ataca e preenche o espaço com toda a potência desse samba enredo. Sobre o áudio da bateria da escola entram imagens mudas do filme de Thomas Farkas, onde Pixinguinha e os Batutas formam uma roda e dançam. Nesse contraste entre a imagem do passado e o samba no presente, deixamos a quadra.

Chegamos finalmente ao sarau no casarão de Santa Teresa, que ganha a presença de **Marcos Suzano** e **Analú Braga**. Suzano revela o segredo da afinação de seu pandeiro, um instrumento extremamente difícil de ser afinado, mas que em suas mãos produz sons muito precisos. Analú Braga, que é de Belo Horizonte, comenta sobre a popularização do Choro entre os mineiros e sobre o grande avanço das mulheres no campo da percussão, tradicionalmente ocupado pelos homens. Encerramos o episódio com composições de choros contemporâneos, onde a percussão se destaca.

EPISÓDIO Nº 07 – O ACORDEÃO E OUTROS RITMOS

Maestro **Sivuca** dizia que o forró é o chorinho nordestino. Por isso, abrimos o episódio “Acordeão e Outros Ritmos” na feira de São Cristóvão, o mais importante polo da cultura nordestina no Rio de Janeiro, em um baile comandado por

Oswaldinho do Acordeon que faz o público dançar ao som da mistura de Choro e Forró. No repertório, “Chorinho pra Guadalupe”, de **Dominginhos**. É o primeiro momento da série em que o ritmo de andamento 2/4 motiva casais a arriscarem passos e a rodopiarem animados. A música da sanfona que remete imediatamente a **Luiz Gonzaga** comove e empolga quem está presente.

O acordeão é um instrumento de origem europeia, criado na Áustria, em 1889, que, ao chegar ao Brasil trazido por imigrantes portugueses, foi chamado de concertina e se tornou popular sobretudo no nordeste, no centro-oeste e no sul do país. Nosso investigador, o acordeonista **Kiko Horta**, membro fundador do Cordão do Boitotá e criador do grupo Forró de Mercado, passeia pelos corredores da feira de São Cristóvão: das barraquinhas de tapioca de queijo coalho às lojas de produtos do Nordeste, como chapéus de cangaceiro e sandálias de couro de bode. Ele conversa com Oswaldinho sobre como o Choro é a raiz da música popular brasileira e sobre como outros ritmos musicais como o forró instrumental bebem da sua fonte.

Estamos agora no Recife. O Pátio de São Pedro, ponto de turismo e tradição popular da capital, recebe apresentações de grupos de choro, como Danda e Seu Regional de Ouro, e agremiações de frevo de bloco, como o Bloco Pierrot de São José. O sotaque forte que vem do acordeão de oito baixos, conhecido como concertina, fala mais alto. A história do Frevo, que mistura marcha, maxixe e capoeira, é brevemente contada por meio de imagens de arquivo do carnaval pernambucano e narração em off do multiartista **Antônio Carlos Nóbrega**.

Ainda em Recife, Horta convoca o cantor, compositor e instrumentista pernambucano **Geraldo Azevedo**, que apresenta em seu repertório de forró ao choro, passando por xote, frevo e baião, para falar da brasilidade de sua música e das figuras de Dominginhos e Sivuca, que foram seus parceiros. Usamos imagens do show “Luiz Gonzaga Especial”, gravado pela Rede Globo em 1984, que mostram Luiz Gonzaga, Dominginhos e Sivuca tocando juntos.

Estamos agora no Rio Grande do Sul. Horta assiste a um pouco convencional concerto de câmara em que o acordeão é o protagonista. No palco, ouvimos a sanfona paulista de **Toninho Ferragutti** e a gaita gaúcha (ou gaita de ponto) de **Bebê**

Kramer. O duo executa faixas autorais, como “Choro da Madrugada” (Toninho Ferragutti) e “Choro Esperança” (Bebê Kramer). Depois, os músicos falam sobre como a maneira de tocar do acordeonista brasileiro é uma escola e um caminho para muitos acordeonistas do mundo todo. Também comentam a diferença de sotaque das sanfonas espalhadas pelo país, apontando as especificidades de cada uma, do nordeste ao sul.

Para encerrar, o dinâmico sarau em Santa Teresa é contagiado pelas vozes do acordeão. Kiko Horta assume o comando da sanfona e recebe Oswaldinho do Acordeon, Toninho Ferragutti, Bebê Kramer, **Marcelo Caldi** e **Nonano Lima** para uma homenagem a **Orlando Silveira**, grande acordeonista e arranjador que tocou no Regional do Canhoto e acompanhou artistas como Jacob do Bandolim e Altamiro Carrilho. O choro escolhido para embalar a roda é “Perigoso”, composição de Silveira e de Esmeraldino Salles. Depois, os músicos celebram a sanfona de **Chiquinho do Acordeon**, que fez parte do Sexteto de Radamés Gnattali e gravou com Raphael Rabelo.

EPISÓDIO N° 08 – O BANDOLIM

Ao som de “*Vibrações*” de **Jacob do Bandolim**, as mãos de Joel Nascimento, nosso Investigador, “dedilham” sobre livros de uma estante. Joel é considerado um dos maiores nomes do bandolim no Brasil e sucessor, ao lado de Déo Rian, do lendário Jacob. Entre a vasta literatura sobre Choro, Joel encontra finalmente o “*Caderno de Composições*” de Jacob do Bandolim. Com o livro em mãos, ele se encaminha para uma das mesas diante de um pequeno palco, onde o bandolinista **Pedro Aragão** se apresenta ao lado de outros instrumentistas. Estamos na Livraria/Bistrô Arlequim. Imagens de várias capas de livros sobre o Choro invadem a tela sucedendo-se em ordem não cronológica, sugerindo a atemporalidade do gênero.

Sentado numa das mesas a espera de Joel está **Hermínio Bello de Carvalho**, produtor musical e pesquisador do Choro. Eles conversam sobre as requintadas composições de Jacob do Bandolim e sobre seu trabalho de pesquisa e transcrição de composições de chorões antigos que não sabiam escrever partituras. Durante o intervalo, Pedro Aragão se junta a eles e fala sobre seu trabalho no Instituto Jacob do Bandolim.

Permeando a conversa, entramos com imagens de arquivo de antigas partituras transcritas por Jacob, sublinhadas por sua própria voz over em depoimento ao Museu da Imagem e do Som. Jacob nos conta sobre sua trajetória na história do choro.

Passamos então a uma bandolinada nos jardins da Escola Portátil de Música. Estão presentes, além de Joel Nascimento, **Luis Barcelos**, **Marcílio Lopes**, **Pedro Amorim** e o jovem **Maycon Júlio**. Eles executam composições próprias e conversam com Joel sobre o mercado para compositores e instrumentistas dedicados ao Choro.

Pedro Amorim toca também composições de **Luperce Miranda** que gravou em seu recente CD, e fala um pouco desse mestre do bandolim. Sobre o som da música executada por Pedro, vemos o próprio Luperce tocando seu bandolim em imagens do documentário “*Chorinhos e Chorões*” de Antônio Carlos Fontoura. Pedro relata também o porque de sua escolha pelo Bandolim, instrumento pouco explorado, mesmo entre chorões, se comparado a outros como cavaquinho ou flauta.

Ainda ao som das composições de Luperce Miranda, Joel Nascimento caminha pelos pilotis do Palácio Gustavo Capanema, marco da Arquitetura Moderna Brasileira, projetado por Lucio Costa, e admira os painéis de azulejos de Cândido Portinari. Ele vai até a bilheteria da Sala Funarte, onde o público já forma uma fila.

No auditório, o conjunto “**Época de Ouro**”, criado por Jacob do Bandolim há mais de cinquenta anos, apresenta composições de seu fundador e também de Pixinguinha. Nos intervalos das músicas, Jorginho do Pandeiro, reminiscente da formação original do conjunto, convida Joel para subir ao palco. Eles batem um papo informal com a plateia sobre o dia a dia com Jacob do Bandolim. Jorginho revela que

Jacob era um profissional exigente e criterioso, que prezava acima de tudo a disciplina. Elegante e polido, apresentava-se sempre de terno e gravata. Joel comenta que nas rodas de choro na casa de Jacob em Jacarepaguá, ele não admitia bebidas ou conversas enquanto os músicos tocavam.

Embarcamos agora com Joel no bondinho recém inaugurado em direção a Santa Teresa. Ele encontra outro grande mestre do bandolim, **Déo Rian**. Enquanto transpomos os arcos e subimos as estreitas ladeiras, eles tocam composições suas e batem um papo sobre a evolução do choro nas últimas décadas. Déo e Joel relembram os tempos do saudoso bar “Suvaco de Cobra”, ponto de encontro tradicional dos chorões nos anos 70 e 80. Os trilhos do bondinho nos transportam para imagens de arquivo do filme “O Bonde, esse eterno sofredor” (1957), de Jean Manzon, onde os bondes aparecem por vezes super lotados, cruzando toda a cidade.

Em Santa Teresa, Joel encontra com **Hamilton de Holanda**, que o conduz até o atelier de seu amigo **Luthier Tércio Ribeiro**, que nos conta como foi o processo de criar um bandolim de dez cordas, a pedido do próprio Hamilton. Tércio revela as mudanças que precisou fazer na estrutura do instrumento e do resultado alcançado na sonoridade com as duas cordas extras.

Joel deixa o atelier e caminha com Hamilton de Holanda pelas ruas de Santa Teresa. Enquanto apreciam a vista da Baía de Guanabara, Hamilton fala de sua inspiração para criar o bandolim de dez cordas, transgredindo a tradição do instrumento. Hamilton revela algumas de suas influências e sua busca pela renovação, guiado sempre pelo seu lema: “Moderno é Tradição”.

Seguindo o caminho, eles chegam ao casarão onde outros bandolinistas e chorões os esperam. Hamilton e Joel se integram à roda de choro e os músicos executam composições clássicas e contemporâneas, no melhor estilo da tradição do choro, confraternizando com bate papo, cerveja e tira-gosto.

EPISÓDIO Nº 09 – O TROMPETE E O TROMBONE

Ao som de “O Nó”, de **Candinho do Trombone**, nosso investigador **Aquiles Moraes** caminha pela praça repleta da pequena Cordeiro, sua cidade natal, localizada na Serra Fluminense. Aquiles é um verdadeiro prodígio do trompete, tendo alcançado projeção internacional ainda muito jovem. O trompetista compra um saco de pipocas e caminha em direção ao coreto, onde o grupo de Choro **Os Matutos** se prepara para tocar.

Sobre a música de Candinho, entram imagens das partituras de suas composições, acompanhadas da voz da narradora, que lê trechos do livro “O Choro – Reminiscências dos Chorões Antigos” que falam sobre ele. Candinho compôs mais de 400 músicas, além de escrever centenas de partituras de chorões que não sabiam música. Foi portanto figura decisiva na preservação da história do choro.

No coreto, Aquiles já toca seu trompete ao lado do irmão, o trombonista **Everson Moraes**, e dos demais músicos. O grupo Os Matutos é composto por nove jovens músicos nascidos na própria Cordeiro e vários deles vêm se destacando no cenário da música popular.

Ao final da música a plateia aplaude efusivamente enquanto Everson alcança um raro instrumento e se prepara para toca-lo. Trata-se do Ophicleide, instrumento instinto em 1905. Ele toca uma das composições de **Irineu Almeida** presentes em seu CD recém lançado. Irineu foi professor de Pixinguinha e um dos primeiros compositores do choro. O ophicleide era um dos quatro instrumentos mais tocados no final século XIX no Rio de Janeiro, mas por sua difícil afinação acabou sendo substituído pelo saxofone. Everson Moraes diz que o ophicleide participou da construção das bases da estrutura musical do choro. Seu som, mais macio que o do saxofone, é o que mais nos aproxima da musicalidade e estilo do sax tenor de **Pixinguinha**.

Ao final da apresentação, algumas pessoas do público sobem no coreto para cumprimentar os músicos. Parentes e amigos abraçam os instrumentistas e posam para fotos. Nesse clima de confraternização entramos com imagens de arquivo de filmes caseiros que mostram os *Matutos*, ainda muito jovens brincando na praça de Cordeiro, e se relacionando com seus instrumentos nas primeiras aulas de música.

Quando o público deixa o coreto, o bate papo rola solto entre os componentes do conjunto. Everson fala da tradição da cidade de Cordeiro de formar músicos a partir de sua banda local. Ele nos conta como foi a criação do conjunto “Os Matutos”, que inclusive já se apresentou no Palácio do Planalto para o presidente Lula. Aquiles e Everson falam de suas preferências dentro do repertório do Choro e tocam algumas composições de **Bonfiglio de Oliveira** e **Raul de Barros**. O bate papo transforma-se numa roda de choro improvisada e os Matutos tocam músicas compostas por seus próprios integrantes.

Passamos do coreto de Cordeiro para os Jardins da Escola Portátil de Música. É sábado, dia de “Bandão”. Dezenas de músicos estão no jardim afinando seus instrumentos e começando a ensaiar. Os professores orientam os músicos sobre a regência e indicam a melhor posição para que todos possam ser ouvidos num espaço tão aberto e repleto de instrumentistas.

Aquiles caminha pelo jardim e aprecia a organização daquela banda gigante. O ensaio começa com a música “*Farrula*” de **Anacleto de Medeiros**, figura emblemática na organização e fundação de Bandas no Rio de Janeiro do século XIX. A ponte que Anacleto fez entre as bandas e o choro enriqueceu ambas as manifestações. As bandas ganharam coesão e musicalidade e a linguagem chorística se propagou.

Regendo os Trombones está **Thiago Osório**, subtenente da Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros, criada pelo próprio Anacleto de Medeiros. Ao final do ensaio do “Bandão”, Thiago conversa com Aquiles sobre a chance de poder unir suas duas grandes paixões, a música e o Corpo de Bombeiros.

Em outro momento Aquiles já está dentro da Barca, cruzando a Baía de Guanabara em direção a Paquetá, ilha onde nasceu Anacleto de Medeiros. Na Barca também estão vários músicos, entre eles o trompetista pernambucano **Nailson Simões**, que desenvolve um trabalho pioneiro e inovador, onde podemos perceber a influência da música nordestina, em especial o frevo, e o estilo da escola de trompete de Boston, onde cursou seu doutorado. Aquiles troca com Nailson impressões sobre a música norte-americana e fala do seu contato com o renomado

trompetista americano Wynton Marsalis, que ficou admirado ao vê-lo tocar “1x0” de Pixinguinha.

Em Paquetá os instrumentistas caminham pelas ruas tranquilas e sem automóveis até chegarem à Casa de Artes de Paquetá para a roda “Choro do Anacleto”. A Roda costuma contar com a presença de músicos eruditos e populares, que executam composições contemporâneas e clássicas. No repertório de hoje estão músicas de **Maestro Nelsinho**, um dos maiores maestros das orquestras de rádio e um dos maiores trombonistas que já existiram no Brasil. Seu disco “Candinho na Interpretação de Nelsinho” é motivo de polêmica, sendo considerado arrojado por muitos e irregular por outros tantos.

Encerramos o episódio com a roda de choro no Casarão de Santa Teresa, onde nos é revelado um vasto repertório da música brasileira tradicional e de Choro para os metais. Aquiles e os demais instrumentistas comentam sobre o fenômeno **Zé da Velha** e **Silvério Pontes**, dupla que fez história nas noites cariocas tocando um choro com influência de Jazz e levando o gênero mais para a gafeira.

O bate papo e a cerveja têm lugar entre uma e outra execução. Os músicos trocam experiências, contam passagens de suas vidas e falam de suas preferências dentro do choro.

EPISÓDIO Nº 10 – O VIOLÃO DE SETE CORDAS

O violonista **Lucas Porto**, integrante do conjunto Galo Preto e investigador do episódio, acompanha **Yamandu Costa** em um concerto fora do país com composições próprias de música gaúcha e de fronteira costuradas com levadas de Choro. Assistimos aos bastidores do show, a apresentação em si e a recepção do público estrangeiro. Conhecido por seu virtuosismo ao violão de sete cordas, Yamandu chegou ainda jovem ao topo do cenário musical brasileiro. É um dos nossos músicos que mais se apresenta no exterior. A conversa com Porto gira em torno do sete cordas, de suas influências, de seus improvisos desconcertantes e do

fato dele não se autodenominar um “chorão”, mas um “músico-artista”.

Porto vai até o luthier **José Chagas**, especializado em instrumentos de corda, para pesquisar a origem indefinida do violão de sete cordas, que teria surgido e se propagado pelas mãos dos ciganos. Sobre sua chegada ao Brasil, as informações não são precisas – Yamandu & Quinteto Jazz Cigano podem se apresentar aqui, com Yamandu tocando um sete cordas mais rudimentar, remetendo à tradição cigana.

O que se sabe é que os primeiros a introduzirem o instrumento com a sétima corda afinada em dó no Choro foram os músicos violonistas **China**, irmão de Pixinguinha, e **Tute**, fazendo do sete cordas uma criação tão brasileira como o violão espanhol para a música flamenca. Mas foi **Dino 7 Cordas** – juntamente com Meira, formou a mais duradoura dupla de violões do Brasil: 45 anos juntos – quem fez escola para o instrumento, tendo como principal elemento a “baixaria” (o fraseado nas cordas graves). Até hoje, os tipos de cordas do violão de sete cordas usados pelos violonistas de Choro seguem o padrão criado por Dino: a 1ª e 2ª cordas agudas são de nylon e as demais de aço. Dino também foi o responsável por estabelecer definitivamente o papel dos dois violões na formação regional.

Porto dialoga com o músico goiano autodidata **Rogério Caetano**, expoente atual do sete cordas, que aprendeu a tocar tirando de ouvido as gravações de Dino, que fez parte do conjunto Época de Ouro. O próprio Porto também começou a estudar sete cordas fazendo transcrições do violão do Dino nos discos do Cartola. Em apresentação para poucas pessoas na Casa do Choro, ele relembra sua experiência inicial e espontânea de encantamento pelo instrumento enquanto são interpostas imagens de arquivo de Dino, como, por exemplo, o programa MPB Especial (TV2 Cultura), em que ele, Déo Rian, César Faria e Paulinho da Viola tocam “Um a Zero”, de Pixinguinha, e outros choros.

Em uma sala de aula da Escola Portátil, uma roda de alunos comandada pelo violonista e professor **João Camareiro** homenageia **Raphael Rabello**, o mais fulgurante talento da geração de chorões nos anos 70 que morreu precocemente aos 33 anos. Enquanto eles tocam “Desvairada”, são intercaladas imagens do garoto Raphael Rabello ainda criança acompanhando grandes como Altamiro Carrilho,

Luperce Miranda, Abel Ferreira e Déo Rian. Luciana Rabello, fundadora da escola e irmã de Raphael, acompanha o desempenho dos alunos, dando sugestões técnicas para eles.

Na casa de Santa Teresa, Lucas Porto, Yamandu Costa, Rogério Caetano, João Camareiro e o mestre **Maurício Carrilho** comandam o sarau de “baixarias”, com bonitos e sedutores fraseados para músicas de **Walter 7 Cordas** e **Cidinho 7 Cordas**. Os músicos também debatem se preferem o encordoamento de aço ou de nylon – e lembram que **Luiz Otávio Braga** foi o primeiro a usar cordas de nylon.

EPISÓDIO N° 11 – O CHORO CANTADO

Abrimos com o grupo vocal **Ordinarius**, dentro de uma Kombi (referência a um dos clipes do conjunto) cantando um arranjo totalmente a capella do clássico “Rosa”, de **Pixinguinha**, com letra de **Otávio de Souza**. Essa versão faz parte do álbum “Rio de Choro”, lançado em 2015 pelo sexteto que usa a voz como instrumento versátil.

Marcos Sacramento (INVESTIGADOR), cantor, letrista e compositor, narra em off a lenda de que Otávio de Souza, mecânico de profissão, se aproximou de Pixinguinha enquanto o maestro bebia em um bar do subúrbio carioca para falar que havia uma letra que não saía de sua cabeça toda vez que ouvia a valsa. Pixinguinha teria ouvido e ficado maravilhado. A gravação feita por **Orlando Silva** foi a responsável pela popularização de “Rosa”, mesmo com erro de concordância no trecho “sândalos dolente”. Usamos como imagens de cobertura para a fala de Otávio trechos dos documentários “Pixinguinha”, de João Carlos Horta, e “Orlando Silva – O Cantor das Multidões”, de Dimas Oliveira Junior e Felipe Harazim.

Do Brasil para Hollywood. Passamos para a cena do filme “Copacabana”, de 1947, em que **Carmen Miranda** canta e dança “Tico Tico no Fubá”, de **Zequinha de Abreu**. A imagem de arquivo da Pequena Notável vai sendo substituída gradualmente por uma performance sedutora de **Ney Matogrosso** para a mesma

música. Em seguida, Matogrosso assiste ao filme “Tico Tico no Fubá”, produzido em 1952 pela Vera Cruz para contar a história de Zequinha de Abreu, e conversa com Sacramento sobre a letra da música, que é, sem dúvida, uma das canções brasileiras mais conhecidas do mundo.

Em sua casa repleta de histórias, o produtor, poeta e letrista **Hermínio Bello de Carvalho** discute polêmicas questões que envolvem o choro cantado, tais como: é justo colocar letra numa melodia de autor já falecido e inclusive usufruir do direito autoral? Hermínio é autor de versos para conhecidos choros, como "Chorando Baixinho" (Pixinguinha) e "Doce de Coco" (choro de Jacob do Bandolim). Ele também fala da obra do compositor **Braguinha**, que fez a letra de nada menos que “Carinhoso”, e da cantora **Ademilde Fonseca**, conhecida como a “Rainha do Choro”. Ele bota para tocar trechos de gravações raras do acervo do “Projeto Pixinguinha”, criado em 1977 por ele, em que Ademilde se apresenta com **Abel Ferreira** na interpretação cantada do choro "Acariciando", de autoria do próprio Abel.

Estamos agora na Lapa, mais precisamente no Bar Semente, referência na cidade quando o assunto é música ao vivo. Sacramento recebe **Teresa Cristina** para um bate-papo sobre samba-choro, subgênero musical surgido na década de 1930 resultante das fusões dos elementos rítmicos e da formação instrumental do samba com o choro. Caracteriza-se pela melodia com fraseado instrumental do choro e pulsão rítmica do batuque do samba. Os dois dão canja de alguns samba-choros cantados e entoam juntos “Conversa de Botequim”, do Noel Rosa. Usamos imagens de arquivo de Teresa Cristina mais nova cantando. Ela fala sobre a sua ligação com a música popular.

Na casa de saraus, **Mônica Salmaso** interpreta “Choro Pro Zé”, de **Guinga** e **Aldir Blanc**, acompanhada pelo violão de Guinga, responsável por manter potente a tradição do samba-choro, e por músicos professores da Escola Portátil que já se apresentaram com Mônica em outras ocasiões. Sacramento puxa “Noites Cariocas”, de **Jacob do Bandolim**. O clima é de sintonia. Mesmo sendo por excelência um universo instrumental, está provado que o choro sempre esteve próximo de grandes

vozes brasileiras. **Paulinho da Viola** encerra cantando “Carinhoso”, de Pixinguinha e Braguinha.

EPISÓDIO Nº 12 – O CHORO ORQUESTRADO

Ao som de “*Tereré*”, de **Guerra Peixe**, o maestro Carlos Prazeres caminha pela Lapa. É noite de sexta-feira e as ruas estão lotadas. Prazeres, um dos maiores nomes da regência no Brasil, aproxima-se do Circo Voador, onde a **Furiosa Portátil**, regida por **Paulo Aragão**, toca músicas de Guerra e também de **Severino Araújo**. O público é composto em sua maioria por jovens, mas há também casais experientes na gafieira, exímios dançarinos, que evoluem pela pista. Prazeres aproveita para arriscar alguns passos com uma senhora expert em dança de salão.

Durante o intervalo, Carlos Prazeres conversa com Paulo Aragão, **Maurício Carrilho** e **Pedro Paes**, os arranjadores da Furiosa. Eles falam de sua trajetória no choro e de suas principais referências para criarem choros orquestrados. Nomes como **Pixinguinha**, **Radamés Gnattali** e Guerra Peixe são citados. Maurício Carrilho nos fala um pouco da tradição do Choro em sua família, que conta ainda com os excelentes Álvaro e Altamiro, e de sua dedicação ao gênero, que o levou a escrever mais de mil composições. Paulo Aragão fala de sua apurada técnica para arranjos e orquestração, que faz dele um dos mais brilhantes profissionais da atualidade nessa área.

A gafieira é interrompida por uma sequência de capas de disco que desliza pela tela, indo das mais atuais até algumas muito antigas. Passamos para as paredes repletas de discos do apartamento do pesquisador **Sandor Buys**. Sandor nos apresenta sua vastíssima coleção, que contém verdadeiras raridades, incluindo até mesmo os lendários cilindros, onde foram feitas as primeiras gravações musicais do mundo. Sandor nos apresenta algumas das gravações mais antigas de choro, feitas pela Banda do Corpo de Bombeiros, regida por **Anacleto de Medeiros** em 1902.

Sandor explica que como o sistema de gravação era ainda muito rudimentar, as bandas eram muito utilizadas devido à potência de sua produção sonora.

Chegamos mais cedo hoje ao sarau no casarão de Santa Teresa, que conta com a ilustre presença de **Edino Krieger**, um dos mais respeitados e admirados nomes da música Brasileira. Edino conversa com Carlos Prazeres sobre sua iniciação musical ao lado do pai, Aldo Krieger, compositor de choros, maxixes e tangos brasileiros. Estão presentes também o pianista **Cristóvão Buarque** e o violinista **Ricardo Amado**. Eles tocam o choro dodecafônico de Edino e também alguns choros com orquestrações mais jazzísticas e lembram nomes como **Cyro Pereira**, importante orquestrador e regente de rádio e televisão.

Numa das pausas, Edino Krieger nos fala da polêmica em torno da obra *“Boi no Telhado”* (1920) do francês **Darius Milhaud**. Após uma passagem pelo Brasil, Darius alcançou sucesso com a obra que disse ser inspirada em músicas folclóricas brasileiras. Porém, vários pesquisadores afirmam que *“Boi no Telhado”* é na verdade um grande plágio de compositores brasileiros como Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga. Krieger conheceu Milhaud quando estudava nos Estados Unidos e conta que sempre que o encontrava o compositor exclamava *“Saudades do Brasil”*!

Ainda no casarão, Cristóvão Buarque fala dos Choros compostos por **Villa-Lobos**. Um dos maiores expoentes da música clássica no Brasil, Villa-Lobos foi também um chorão. Ainda menino, levado pelo pai, frequentava as rodas de choro na Pensão Vianna, do pai de Pixinguinha, onde se reuniam os primeiros chorões da história. Villa Lobos chegou a participar da orquestra formada por Ernesto Nazaré e se inspirou em compositores como Chiquinha Gonzaga, João Pernambuco e Anacleto de Medeiros. Os choros de Villa Lobos podem ser considerados sua primeira grande afirmação como criador. Além do valor intrínseco de cada obra, chama atenção a monumentalidade de algumas partituras, escritas para grandes orquestras e bandas.

Aqui podem ser utilizadas imagens de arquivo encontradas no programa *“Villa Lobos em Três Tempos”* da Globo News, onde o maestro é visto em bares, parques e ruas de Paris.

De volta ao centro da cidade, Carlos Prazeres sobe agora as escadas do Teatro Municipal. No saguão, encontra com **Humberto Araújo**, que comenta sobre a apresentação da noite. A Orquestra Sinfônica vai homenagear os dois maiores nomes da orquestração para Choro, Pixinguinha e Radamés Gnattalli.

Da plateia, Humberto aponta para Carlos Prazeres o camarote de honra, de onde o próprio Pixinguinha foi ovacionado pela plateia em 1968, durante o célebre show em comemoração aos seus 70 anos. A apresentação de hoje busca rememorar aquela noite, quando foram apresentadas além de composições de Pixinguinha, obras de Radamés Gnattali em sua homenagem, como o primeiro movimento da sua “Suíte Retratos” e a valsa “Uma Rosa Para Pixinguinha”. Radamés, assim como Pixinguinha, colaborou com muita categoria para o estabelecimento do sotaque brasileiro de arranjo e orquestração. O maestro é um gigante de nossa música e possui um volumoso número de arranjos, além de ter introduzido o regional de choro na orquestra sinfônica.

Humberto conversa com Carlos Prazeres sobre a criação da Orquestra Criôla e a influência de Pixinguinha em sua obra. Humberto, maestro e arranjador, possui Moção de Louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, "por sua contribuição à execução e difusão do Choro, além de sua luta em defesa de nossas tradições culturais".

A Orquestra Sinfônica ocupa o palco e o show começa. Durante a apresentação, imagens de arquivo de Radamés Gnattali e de Pixinguinha são exibidas no telão no fundo do palco, como se entabulassem um diálogo.

Fechamos a apresentação e o episódio em grande estilo, com a Sinfônica tocando “*Carinhoso*” com o arranjo para orquestra do próprio Pixinguinha.

EPISÓDIO Nº 13 – O CHORO PELO MUNDO

Abrimos o último episódio da série no Bar Semente, prestigiado reduto musical na Lapa, em show do **Los Cuatro** (Serio Valdeos, do Peru, Naomi Kumamoto,

do Japão, Rui Alvim, de Portugal, Marcílio Lopes, do Brasil), quarteto de música instrumental dedicado às manifestações musicais populares e tradicionais da América Latina. Seu repertório não é unicamente de Choro, mas pode-se dizer que contempla o que seriam ritmos equivalentes ao Choro em outros países latino-americanos. Como existe, por exemplo, o Choro e o Maxixe no Brasil, na Colômbia temos o Bambuco e o Passillo, no Peru, a Marinera, em Cuba, o Son e a Habanera.

Eles tocam “Está se coando”, de Anacleto de Medeiros, seguida por “Preludio y Fuga em Carmen”, de Sergio Valdeos – faixas presentes no álbum “Outros Caminhos do Choro”, lançado em 2013 pela Acari Records. O multi-instrumentista argentino **Gabriel Trucco**, nosso investigador, assiste à apresentação. Pós-show, ele conduz um papo com os músicos do Los Cuatro, que, com seus diferentes sotaques, conversam sobre as possibilidades de misturas e sonoridades a partir de fórmulas tradicionais, bem como a diluição das fronteiras nacionais em prol de uma musicalidade que é construída para além de modelos fechados.

Em sua terra natal, Buenos Aires, Trucco apresenta a cena musical portenha influenciada pelos ritmos brasileiros e que está composta por muitos instrumentistas na nova geração. O tango é mesclado ao choro, frevo e maxixe nos repertórios de conjuntos como a orquestra **A Saideira** e as bandas **Mão na Roda**, **Malandragem** e **Mistura e Manda**, essa última integrada por Trucco. Em seguida, ele vira nosso cicerone por um pequeno giro internacional.

Em Paris, encontramos o grupo **Les Bécots da Lappa**, que dedica-se ao choro e ao repertório de música brasileira dos anos 40. O nome do grupo é um trocadilho entre as palavras francesas *bécot* – bitoca – e *beco*, em português. Igualmente faz referência tanto à rua Lappe, em Paris, como ao bairro da Lapa, do Rio de Janeiro. Gravaram uma deliciosa versão em francês de “Odeón”, de Ernesto Nazareth.

Ainda na cena musical parisiense, nos reunimos com o **Pingo de Choro**, que tem à frente a brasileira Adriana Arnaoud, que se inspirou na era de ouro do rádio brasileiro para construir a personalidade sonora do conjunto. Ao lado de dois instrumentistas franceses e um da Guiné, Adriana interpreta pérolas da música

brasileira com paixão e humor, como “Fala Baixinho”, de Pixinguinha. Adriana leva Julie à loja de discos Crocodisc, situada no quartier latin, que vende álbuns clássicos de chorões brasileiros.

Pegamos o TGV. De Paris a Londres. Trucco conhece a sede do Clube do Choro UK, criado e dirigido pelo bandolinista brasileiro **Gaio de Lima**. As rodas promovidas mensalmente pela casa recebem músicos de diferentes nacionalidades, além da visita de brasileiros, como o próprio Sacramento, Vitor Celestino e Marcos Tanuri. O Clube também oferece um curso projetado para melhorar o entendimento da técnica do instrumento e a compreensão da cultura do Choro. Assistimos a uma aula.

Em Roterdã, visitamos a **Escola Portátil de Música Holanda**, a primeira filial da Escola de Choro do Rio De Janeiro. A escola, que oferece aulas de música usando como base o choro, tem atraído cada vez mais alunos, especialmente agora que o Brasil está no centro das atenções com os Jogos Olímpicos. O projeto da filial surgiu depois que músicos holandeses fizeram um intercâmbio em 2008 na escola carioca, conhecendo seus fundadores Luciana Rabello e Maurício Carrilho.

Estamos agora nas ruas movimentadas do centro de Tokyo. Ouvimos ruído dos carros, barulho urbano. Logo depois, quebramos o ritmo e passeamos com Sacramento pelos belos e tranquilos jardins da metrópole. A trilha que começa a tocar é “Vibrações”, de Jacob do Bandolim. Quem é executada a música é o grupo **Rosa Roxa**, formado pelos japoneses Sakae Daidoji (cavaquinho), Hiroshi Nakanuma (bandolim), Noriko Yamamoto (violão e voz), Michiwo Tashima (violão) e Toyoji Kuriyama (percussão). Acompanhamos uma entrevista do conjunto a uma emissora de rádio nacional. Os músicos falam sobre o cenário improvável do Choro no país asiático.

De volta ao Brasil. No sarau de Santa Teresa, os sotaques agora são muitos, mas a música continua regida por um único motivo: fazer Choro. Gabriel Trucco, o cavaquinista **Matteo Carola** (Bélgica) e os violonistas **Martin Heap** (Dinamarca) e **Mats Andersson** (Suécia), além dos músicos do Los Cuatro, misturam-se a músicos

brasileiros em uma síntese de nacionalidades e sonoridades. A festa acaba. Mas o Choro continua.

Para encerrar a série com chave de ouro, fazemos um passeio pelas rodas cariocas que estão em plena atividade, como as semanais das feiras da São Salvador, General Glicério e Lavradio, além dos encontros periódicos no Bip Bip, no Beco das Garrafas, em Paquetá e nas ruas Benjamin Constant e Ouvidor – e por aí vai.